ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos





- As colônias italianas no Brasil Meridional
- O carnaval na cidade de Brusque - 1950 e 1960
- Inventário do material botânico coletado por Fritz Müller em instituições nacionais
- O meu trem inesquecível
- Entrevista: Carlos de Freitas
- Correspondências de imigrantes

Autores Catarinenses: Enéas Athanázio

Galeria de Imagens

Apoio

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A









Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau. O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001 Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing Vice-prefeito | Rufinus Seibt Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schlindwein Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müeller Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos
Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010
Contato 47 3326 6990 - arquivohistórico@fcblu.com.br
Diretora | Sueli M. V. Petry
Conselho Editorial
Presidente | Annemarie Fouquet Schünke
Caría Fernanda da Silva
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos Capa | Liquidificador Comunicação e Arte Pinturas da capa | Telomar Florêncio Normatização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva Revisão | Valdir A. Petry Secretária | Kátia Elizabeth Curtí

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998, concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras. Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau. Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972. Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catalogação | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.], 1957- .

v.; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Sequência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimensal com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimensal de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov/dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina - História - Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais Viajante As colônias italianas no Brasil Meridional - Estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná	
Ranieri Venerosi Pesciolini Tradução: Lino João Dell Antonio	- 7
Le Colonie Italiane Negli Stati Meridionali Del Brasile	,
(Rio Grande Do Sul – Santa Catarina – Paraná)	- 8
Artigos A representação fotográfica do progresso na revista Blumenau em Cadernos	
Carla Fernanda da Silva	-21
O carnaval na cidade de Brusque - 1950 e 1960 Luciana Paza Tomasi / Sueli Maria Vanzuita Petry	
Inventário do material botânico coletado por Fritz Müller em Instituições Nacionais Maria Lucia França Teixeira / Marcus Nascimento Santos / Stefano Hagen / Luiz Roberto Fontes	-44
Memórias O meu trem inesquecível Mariana Klueger	68
Mariana Macger	-80
Entrevista Carlos de Freitas Johanna Heuer	- 86

Correspondências de imigrantes Correspondências de imigrantes - Emil Odebrecht Tradução: Rol e Renate Odebrecht	0.4
Autores Catarinenses	—— 94
Enéas Athanázio Galeria de imagens	112
	11/

Blumenau cad., Blumenau, t. 50, n. 4, p. 1-128, jul./ago. 2009

APRESENTAÇÃO

As diferentes abordagens da revista apresentadas neste bimestre mostram a diversidade de temáticas, que entendemos ser do interesse de leitores e pesquisadores, pois estão relacionados à história regional.

Ao abrir a coluna **Documentos Originais** – publica-se a última parte das observações feitas pelo italiano Ranieri Venerosi Pesciolini. O autor descreve as condições de vivência dos colonos italianos estabelecidos no sul do país no final do século XIX, e início do XX, durante sua viagem ao sul do Brasil. Neste capítulo, o autor destaca a importância da preservação dos aspectos culturais e étnicos do elemento italiano nos estados do sul do país. Originalmente impresso no idioma italiano, a tradução dos textos foi realizada pelo professor e pesquisador Lino João Dell Antoni.

A seguir, a professora Carla Fernanda da Silva, da Universidade Regional de Blumenau - FURB – publica, na coluna **Artigo**s, "A representação fotográfica do progresso na Revista Blumenau em Cadernos". Trata-se de uma versão modificada do terceiro capítulo da sua dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina. Ao desenvolver o seu estudo, a autora faz uma análise dos fotógrafos, suas mensagens, o modo como a fotografia tem sido apresentada para representar a cidade e a forma pela qual estas imagens são utilizadas nas edições da revista Blumenau em Cadernos.

Ainda em **Artigos**, a bacharel Luciana Luciana Paza Tomasi publica uma versão do seu Trabalho de Conclusão de Curso em História pela Universidade Regional de Blumenau – FURB - que se intitula "O carnaval da cidade de Brusque: 1950 – 1960". A autora descreve o carnaval promovido pelas principais sociedades brusquenses e sua extensão às ruas da cidade brusquense. Dentro desta perspectiva, procura fazer uma análise do carnaval e suas relações com as elites locais.

Ao publicar o "Inventário do material botânico coletado por Fritz Müller em instituições nacionais", os autores Maria Lucia França Teixeira, Marcus

Blumenau cad., Blumenau, t. 50, n. 4, p. 1-128, jul./ago. 2009

Nascimento Santos, Stefano Hagen, e Luiz Roberto Fontes, analisam a formação botânica deste pesquisador e suas relações de contatos com correspondentes estrangeiros.

Na sequência, em **Entrevista,** registra-se o depoimento do jornalista Carlos de Freitas, falecido em 2008 na cidade de Blumenau. O mesmo foi realizado dentro do projeto do Instituto Blumenau 150 Anos, no ano 2000, por Johanna Heuer, na época acadêmica do Curso de História da FURB.

Mariana Klueger, ao escrever "O meu trem inesquecível", relembra, na coluna **Memórias**, os tempos da infância relacionados à emoção da viagem de trem com destino à casa dos parentes em Lontras.

Na coluna **Correspondências de Imigrantes** continuamos com a publicação de cartas trocadas entre os familiares do Engenheiro Emil Odebrecht. Nesta edição publicam-se cartas trocadas entre os anos de 1871-1882. A tradução dos manuscritos foi realizada pelo casal Rolf e Renate Odebrecht, responsáveis pela produção do livro "Cartas de Família: ensaio biográfico de Emil Odebrecht e ensaio biográfico de seu filho Oswaldo Odebrecht Sênior.

Em "Galeria de Imagens", foram selecionadas do acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva algumas imagens do Centro Cultural 25 de Julho. As mesmas foram registradas pelo fotógrafo Guinther Schroeder, entre as décadas de 1960 e 1970.

Encerrando esta edição, em **Autores Catarinenses**, o escritor Enéas Athanázio comenta sobre a historiografia catarinense e literatura policial do nosso Estado.

Deixamos aqui o convite aos interessados em colaborar com esta revista, solicitando o envio de textos para as colunas Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

> Sueli M. V. Petry Diretora da revista Blumenau em Cadernos

Blumenau cad., Blumenau, t. 50, n. 4, p. 1-128, jul./ago. 2009

RANIERI VENEROSI PESCIOLINI



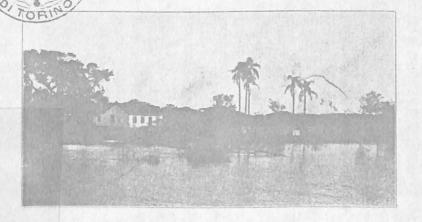
LE COLONIE ITALIANE

NEL

BRASILE MERIDIONALE

STATI DI RIO GRANDE DO SUL - S. ta CATHARINA - PARANA

- CON 67 INCISIONI -



TORINO

FRATELLI BOCCA - Librai di S. M.

1914

As colônias italianas no **BRASIL MERIDIONAL**

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

CONSIDERAZIONE ETICA ED INTERESSI NAZIONALI

Anno IV. Maggio-Dicembre 1913

N. 5-12.

ITALICA GENS

Federazione per l'assistenza degli emigranti transoceanici, fondata e diretta dall'ASSOCIAZIONE NAZIONALE PEI MISSIONARI CATTOLICI ITAL-IANI

Via Accademia delle Scienze, 4 – Torino

IMPORTANZA DELL'ELEMENTO ETNICO ITALIANO NEI TRE STATI Iv.

RANIERI VENEROSI PESCIOLINI

Tradução: Lino João Dell Antonio¹

Facciamo adesso alcune considerazioni dal punto di vista nazionale su queste colonie di nostri emigrati.

L'elemento etnico italiano si trova in questi Stati in condizioni di ambiente affatto peculiari e diverse da quasi tutte le colonie di emigrati nostri negli altri Stati del nord e del sud America. E la differenza principale di ambiente consiste in questo: che mentre moltissime delle altre colonie si trovano frammiste alla popolazione indigena del paese in cui risiedino, o ad altre popolazioni imigrante, queste colone invece sono in massima parte isolate, formanti nuclei italiani omogenei: neppure ad esse manca un certo contatto con altre razze, ma questo è in misura così limitata da permetter loro di conservarsi distinte. Inoltre queste colonie si trovano in Stati per adesso deboli e poco progrediti.

Gli elementi etnici più numerosi e considerevoli il territorio di questi Stati sono oltre, ben inteso, la razza brasiliana indigena, le razze tedesca e polacca.

¹ Tradutor. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos. Continuação das pp. 271 a 287.

COLÔNIAS ITALIANAS NO SUL DO BRASIL (IV)

Anno IV.

Maggio-Dicembre 1913

N. 5-12.

ITALICA GENS

Federazione per l'assistenza degli emigranti transoceanici, fondata e diretta dall'ASSOCIAZIONE NAZIONALE PEI MISSIONARI CATTOLICI ITAL-

IANI

Via Accademia delle Scienze, 4 – Torino

IV – PRESERVAÇÃO ÉTNICA E INTERESSES NACIONAIS

IMPORTÂNCIA DO ELEMENTO ÉTNICO ITALIANO NOS TRÊS ESTADOS

RANIERI VENEROSI PESCIOLINI

Tradução: Lino João Dell Antonio¹

Fazemos agora algumas considerações do ponto de vista nacional sobre estas colônias de nossos emigrados.

O elemento étnico italiano se encontra nestes Estados em condições ambientais totalmente peculiares e diversas em relação a quase todas as nossas colônias dos outros Estados do Norte e do Sul da América. Enquanto muitíssimas colônias se encontram misturadas com a população indígena do lugar em que residem, ou a outras populações imigradas, estas colônias, ao invés, estão, em grandíssima parte, isoladas, formando grupos italianos homogêneos. É esta a diferença principal de ambiente. Possuem contato com outras raças, embora em medidas muito limitadas, permitindo que se conservem diferentes. Além disso, estas colônias se encontram em Estados ainda fracos e de pouco progresso.

¹ Tradutor. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos. Continuação das pp . 271 a 287

LA POPOLAZIONE TEDESCA E LA POPOLAZIONE ITALIANA.

Attualmente il grado più alto di prosperità e di progresso civile tra le collettività è raggiunto dalla tedesca. L'immigrazione tedesca si è stabilita qui assai tempo prima della nostra, ed è venuta con una preparazione possente e metodica: il lavoro degli emigrati tedeschi ha sempre avuto l'aiuto dell'elemento direttivo e del capitale, si esplicò in colonie già preparate con progetti tedeschi e avviate con capitali tedeschi. Fra di essi quasi nullo era l'analfabetismo.

I nostri invece, tutti lavoratori della terra, in gran parte analfabeti, vennero senza guida e senza denaro. Eppure hanno dato vita a centri coloniali come Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi, Urussanga, Santa Felicitade, ecc., che, se non hanno adesso le proporzioni dei centri tedeschi di San Leopoldo e di Blumenau, tutto dà a vedere che in breve spazio di tempo potranno raggiungere uguale sviluppo.

È pur vero che nelle colonie tedesche si trova per ora maggior benessere, le case meglio tenute, la popolazione più civile e più istruita; ma l'ignoranza in cui versano molti coloni italiani, le case più povere, la vita più modesta dei nostri emigrati, tutto questo è dovuto all'abbandono in cui furono lasciati, alla mancanza di scuole e di aiuti; tali condizioni non rappresentano di essi che un aspetto transitorio, che facilmente si modificherà collo svolgersi del progresso economico e colla diffusione dell'istruzione. Se si osserva l'opera dei nostri coloni vi si trova un'adattabilità all'ambiente, un'attitudine ingegnosa a tutti i lavori che non si ha in gente di altre nazioni: le colonie italiane sono quelle che si distinguono per maggior varietà di prodotti, tutti ben coltivati. La resistenza loro a soggiogare gli ostacoli di natura colle sole forze proprie, senza bisogno di aiuti, è eccezionale: essi sono riusciti a colonizzare la zona di Caxias ed altre località dalle quali russi e tedeschi avevano dovuto ritirarsi. Queste doti innate dànno ai nostri coloni una superiorità sulle altre razze nella colonizzazione, che li rende desiderati nel Brasile ed ovunque.

10

Os elementos étnicos mais numerosos e consideráveis com os quais a nossa raça convive no território destes Estados, além da raça brasileira indígena, são os alemães e os polacos.

A POPULAÇÃO ALEMÃ E A POPULAÇÃO ITALIANA

Atualmente o maior grau de prosperidade e de progresso civil entre as coletividades é atingido pelos alemães. Esta população estabeleceuse muito tempo antes da nossa e chegou com uma poderosa e metódica preparação. O trabalho dos emigrados alemães sempre teve a ajuda do elemento dirigente e do capital. Desenvolveu-se em colônias já preparadas com projetos alemães e viabilizadas com capitais alemães. Entre eles o analfabetismo era quase nulo.

Contrariamente, os nossos emigrantes, trabalhadores rurais, em grande parte, analfabetos, vieram sem dirigentes e sem dinheiro. Apesar disso, deram vida a centros coloniais como Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi, Urussanga, Santa Felicidade, etc., que, se não possuem agora as proporções dos centros alemães de São Leopoldo e Blumenau, tudo faz crer, que, em breve espaço de tempo, terão igual desenvolvimento.

É bem verdade que, por ora, nas colônias alemãs, se encontra o maior bem-estar. As casas são bem mantidas. A população é mais civilizada e mais instruída. Mas a ignorância em que vivem muitos colonos italianos, de casas mais pobres, de vida mais modesta, deve-se ao abandono em que foram deixados, sem escolas e sem ajuda. Tais condições representam apenas um aspecto transitório, que facilmente se modificará com o desenvolver do progresso econômico e com a difusão da instrução. Ao observarmos a obra dos nossos colonos, percebe-se uma adaptação ao ambiente, uma atitude engenhosa nos trabalhos que não se conhece em gente de outras nações.

LA POPOLAZIONE INDIGENA.

La popolazione brasiliana indigena delle campagne (non parlo di quella di origine portoghese o mista, residente nei centri, la quale costituisce il ceto dirigente ed è composta di latifondisti, di impiegati e commercianti), si mostra, per contrario, refrattaria alla colonizzazione e ad ogni lavoro intenso: ne è prova lo scarso sviluppo delle zone litoranee e delle zone serrane che essa abita.

Questa popolazione di *caboclos*, cioè meticci, derivanti dall'incrocio di oriundi portoghesi con indios, è indolente, inerte, spensierata: le capanne che abitano i *caboclos* sono misere e sporche.

Mangiano poco e male per non durar fatica a lavorare: se il tempo è bello il *caboclo* taglia un po'di legna nel bosco, o pianta qualche spiga di granturco intorno a casa, ma se il cielo è coperto, passa la giornata fumando, coperto del *poncho*, accoccolato dinanzi al fuoco; perchè le legna sono sempre vicine e costano poca fatica.

Si ciba quasi esclusivamente di *pirâo*, che è farina di mandioca bollita nell'acqua: se prende un pesce, lo secca al sole e quello gli basta per una settimana. Mal nutrito, il *caboclo* è fiacco e malaticcio.

Degli abitanti dell'altipiano, se si tolgono i gauchos, allevatori di bestiame, il rimanente della popolazione brasiliana della campagna non vale molto più. La parte di popolazione negra non rappresenta, come massa, un elemento di civile importanza. I negri quando erano schiavi, obbligati ad una vita attiva e laboriosa, erano anche ben nutriti e ben tenuti dai padroni, a ciò spinti dal proprio interesse. Abolita la schiavitù, nel 1888, liberi di disporre di sè, i più seguirono l'innata tendenza all'ozio, e ritiratisi nei boschi, presso i fiumi, ricaddero in una vita inerte, misera, quasi selvaggia. La liberazione dalla schiavitù ha segnato per questa razza negra importata dall'Africa in Brasile, incapace di sapersi dirigere, un regresso nella via della civilizzazione.

As colônias italianas se distinguem pela maior variedade de produtos, todos bem cultivados. A sua resistência em vencer os obstáculos naturais, com as próprias forças, sem necessidade de ajuda, é excepcional. Conseguiram colonizar a região de Caxias e outras localidades, das quais russos e alemães foram obrigados a se retirar. Estes dons inatos dão aos nossos colonos uma superioridade sobre as outras raças na colonização, que os tornam benquistos no Brasil e em outros lugares.

A POPULAÇÃO INDÍGENA

Não podemos dizer o mesmo da população indígena brasileira do campo (não me refiro a de origem portuguesa ou mista, residente nos centros, que constitui a classe dirigente, composta de latifundiários, de empregados e comerciantes). Mostra-se refretária à colonização e a qualquer trabalho intenso. Prova disso é o fraco desenvolvimento das regiões litorâneas e serranas onde se localiza.

Esta população de caboclos, mestiços, oriundos do cruzamento de portugueses com índios, é indolente, inerte e despreocupada. Suas cabanas são miseráveis e sujas. Comem pouco e mal para não ter que trabalhar. Se o tempo é bonito, o caboclo corta um pouco de lenha na mata, ou planta algumas socas de milho em redor de casa. Se o céu está nublado, passa o dia fumando, com o poncho às costas, acocorado junto ao fogo. Isto ocorre porque lenha sempre há e custa pouco.

Mantém-se quase exclusivamente de pirão, farinha de mandioca fervida na água. Pegado um peixe, seca-o ao sol e lhe é suficiente para uma semana. Mal nutrido, o caboclo é fraco e doentio.

Dos habitantes do planalto, excetuados os gaúchos, criadores de gado, o restante da população brasileira do campo tem pouca importância.

CONVENIENZA DELLA CONSERVAZIONE DEL CARATTERE NAZIONALE DELLE COLONIE.

Perciò in questi Stati del Brasile la popolazione italiana rappresenta un elemento etnico di prim'ordine, prezioso per il progresso del paese. I Governi avrebbero tutto l'interesse a lasciare che le colonie dei nostri emigrati conservino integri i loro caratteri nazionali. Con questi essi portano nella terra brasiliana un tesoro incalcolabile di genio, di operosità, di forza, di progresso.

Comprendo come si voglia procurare di avvincere con vincoli di affetto e d'interesse gli immigrati al nuovo paese, ma non capisco perchè si cerchi inconsultamente da alcuni paesi di immigrazione, di promuovere il rapido assorbimento di questa gente col far sì che si spogli della propria lingua, dei proprii costumi, per abbracciare subito ed esclusivamente quelli del paese.

Se alle colonie dei nostri immigrati si tolgono la lingua, le tradizioni, i costumi patrii, si distrugge in essi il carattere della razza, si distruggono le virtù civili di laboriosità e di attività, si perdono nelle donne quelle virtù domestiche e casalinghe che sono il fondamento di una società bene ordinata e di prospero avvenire. Accade negli individui quel che accade nelle piante che si vogliono trasportare in paesi ad essi stranieri, senza curarsi di conservar loro nella nuova terra le condizioni d'ambiente ed i sistemi della patria; si imbastardiscono e degenerano. Questo ci è confermato purtroppo da esempi oramai numerosi che possiamo osservare fra gli emigrati nostri in alcuni paesi.

Mi sembra che in questo debbono coincidere gli interessi nostri e quelli del Brasile a riguardo delle colonie dei nostri emigrati colà stabilitesi. Conservare in esse tutto ciò che rappresenta un valore civile etnico, mentre è garanzia di progresso pel Brasile, dà all'Italia la legittima soddisfazione di vedere che i contingenti dei suoi figli emigrati non andarono per essa interamente perduti, ma stanno a testimoniare una espansione della razza, costituiscono un allargamento degli interessi nazionali, una nuova base di risorse per il commercio.

A população negra, como massa, não representa um elemento de força comunitária. Quando os negros eram escravos, obrigados a uma vida ativa e laboriosa, eram bem nutridos e bem cuidados pelos patrões, movidos pelos próprios interesses. Abolida a escravidão, em 1.888, livres, a grande maioria seguiu a inata tendência ao ócio. Isolado nas matas, junto aos rios, recaíram numa vida inerte, miserável, quase selvagem. A libertação da escravidão para esta raça negra, importada da África para o Brasil, incapaz de governar-se, registrou um regresso no caminho de sua civilização.

CONVENIÊNCIA DA PRESERVAÇÃO DO SENTIMENTO NACIONAL DAS COLÔNIAS

Do exposto deduz-se que, nestes Estados do Brasil, a população italiana representa um elemento étnico de primeira ordem, precioso para o progresso do país. Os Governos têm todo o interesse em deixar que as colônias dos nossos emigrados conservem íntegras suas características nacionais. Representam para a terra brasileira um tesouro incalculável de gênio, de operosidade, de força e de progresso.

Entendemos ser certo querer aproximar os emigrantes ao novo país, com vínculos de afeto e de interesse, mas, não entendemos porque alguns países de emigração procuram inconsideradamente promover a rápida absorção desta gente, fazendo com que se despojem da própria língua, dos próprios costumes, para abraçar de imediato e exclusivamente aqueles do país.

Se das colônias dos nossos emigrados se tiram a língua, as tradições, os costumes pátrios, se destroem neles o caráter da raça, as virtudes civis de laboriosidade e de atividade. As mulheres perdem aquelas virtudes domésticas e familiares que são o fundamento de uma sociedade

LEGGI DI CITTADINANZA.

Per vari riguardi non sembra che il Brasile si conformi ad un tal punto de vista, e nella fretta ansiosa di far sua tutta la popolazione immigrante, ha spesso ispirati i suoi atti a *chauvinisme* o *giacobinismo*, come chiamano laggiù un criterio eccessivamente nazionalista.

Basterebbe osservare le vicende della sua legilsazione in materia di cittadinanza, che per le incredibili insidie alla nazionalità degli immigranti sollevò anni sono perfino le proteste ufficiali di molti paesi europei.

Un decreto del 15 dicembre 1879 arrivò a stabilire che sarebbero stati ritenuti cittadini brasiliani tutti gli stranieri ivi residenti, i quali non avessero dichiarato il contrario entro sei mesi.

La legge sui diritti di cittadinanza tuttora in vigore considera brasiliani i nati nel Brasile anche da padre di nazionalità straniera. Considera inoltre cittadini brasiliani gli stranieri che posseggono in Brasile beni immobili o che hanno figli nati nel Brasile, o moglie brasiliana, ove non dichiarino in voler conservare la cittadinanza di origine.

Come ben risulta da questa disposizione messa in relazione con quanto abbiamo detto delle condizioni degli italiani nelle colonie, quasi tutti gli italiani sono considerati cittadini brasiliani.

Questa legge basata sopra il principio dell'ius soli, esteso in modo straordinario, è in conflitto colla legge nostra sulla cittadinanza fondata sull'ius sanguinis, la quale considera italiani non solo tutti gli emigrati, ma anche i loro figli nati su terra straniera: per essa una gran parte della popolazione delle colonie descritte ha la cittadinanza italiana. Non voglio entrare nella dibattuta questione relativa alle proposte per la soluzione di tale conflitto di leggi; solo desidero fare una osservazione a coloro che stimano necessario che la nostra legge ceda all'ius soli delle legislazione americane, dichiarando americani i figli degli italiani nati in America. Costoro sostengono la loro tesi principalmente col dire

16

bem ordenada e de próspero porvir. Acontece com os indivíduos aquilo que acontece com as plantas, quando transportadas para países a eles estranhos, sem cuidar de manter na nova terra as condições de ambiente e os sistemas da pátria. Alteram-se geneticamente e degeneram.

Infelizmente isto nos é confirmado por numerosos exemplos observados entre os emigrados nossos em alguns países. Parece-nos que devem coincidir os interesses nossos e aqueles do Brasil a respeito dos nossos emigrados, lá estabelecidos. Conservar neles tudo o que representa um valor cívico étnico é garantia de progresso para o Brasil e dá à Itália a legítima satisfação de ver que contingentes de seus filhos emigrados não andaram inteiramente perdidos, mas estão a testemunhar uma expansão da raça, alargando os interesses nacionais e formando uma nova base de recursos para o comércio.

LEIS DE CIDADANIA

Sob diversos aspectos, parece que o Brasil não se conforma com a opinião exposta acima. Na ânsia apressada em fazer sua toda a população imigrante, frequentemente inspirou seus atos no chauvinismo ou jacobismo, como chamam lá, um critério excessivamente nacionalista.

Bastaria observar as vicissitudes de sua legislação em matéria de cidadania. As incríveis insídias sobre a nacionalidade dos imigrantes levantaram, durante anos, até protestos oficiais de muitos países europeus.

Um decreto de 15 de dezembro de 1879 chegou a estabelecer que consideram-se cidadãos brasileiros todos os estrangeiros ali residentes, caso não tivessem declarado o contrário, num prazo de seis meses.

A lei sobre os direitos de cidadania, ainda em vigor, considera brasileiros os nascidos no Brasil, filhos de pai de nacionalidade estrangeira. che la cittadinanza del paese di residenza, dando all'emigrato l'arma potente del voto politico gli assicura una difesa assai più valida di quello che possa essere la protezione consolare.

Ora tale teoria dovrebbe trovare in queste nostre colonie sudbrasiliane l'ambiente più favorevole, trattandosi di colonie omogenee, nelle quali l'elemento italiano è riunito, e rappresenta tutta la popolazione; niente quindi di meglio potrebbe desiderarsi perchè gli italiani maneggiassero secondo la propria volontà il voto politico.

Ebbene, invece qui non riescono neppure ad eleggersi sindaci italiani in municipi dove non c'è neppure uno straniero, non hanno deputati proprii, non riescono ad avere presso il Governo alcuna considerazione politica, e per avere difesa contro le angherie ricorrono al R. Consolato, come all' unico mezzo efficace.

Se questo succede in tale ambiente, si può immaginare che cosa possono fare col voto le collettività italiane di altre colonie Nord e Sud Americane, disperse in mezzo a popolazioni più colte e prevalenti per numero; generalmente servono come strumento politico del partito del paese che se le accaparra pel momento, pronto a disinteressarsene appena raggiunto il suo scopo. Mi pare che fino a che le masse degli emigranti non avranno raggiunto una sufficiente preparazione intellettuale, troveranno sempre la miglior difesa dei proprii interessi nella tutela del patrio Governo.

Também são cidadãos brasileiros os estrangeiros que possuem no Brasil bens imóveis ou os que têm filhos nascidos no Brasil, ou mulher brasileira, quando não declaram querer conservar a cidadania de origem.

Desta disposição claramente se deduz que, do quanto temos dito sobre as condições dos italianos nas colônias, quase todos eles são considerados cidadãos brasileiros.

Esta lei, baseada no princípio do *ius soli* (direito do solo), ampliado de modo extraordinário, está em conflito com a nossa lei sobre cidadania, baseada no *ius sanguinis* (direito do sangue), que considera italianos não só os emigrados, mas também seus filhos nascidos em território estrangeiro.

Através desta lei, uma grande parte da população das colônias possui a cidadania italiana. Não pretendemos polemizar esta questão relativa às propostas para a solução de tal conflito de leis. Desejamos apenas fazer uma observação àqueles que acham necessário que a nossa lei ceda ao *ius soli* (direito do solo) das legislações americanas, declarando americanos os filhos dos italianos nascidos na América. Estes sustentam sua tese principalmente dizendo que a cidadania do país de residência, dando ao emigrado a arma poderosa do voto político, lhes assegura uma defesa maior que a proteção consular.

Tal teoria deveria encontrar nestas nossas colônias do Sul brasileiro um ambiente mais favorável, por serem colônias homogêneas, onde o elemento italiano é unido e representa toda a população. Nada, portanto, de melhor poder-se-ia desejar para os italianos que usassem o voto político, segundo sua vontade.

Aqui, assim como está, nem sequer conseguem eleger prefeitos em municípios onde não há nenhum estrangeiro. Não possuem os próprios deputados. Não conseguem, junto ao governo, nenhuma consideração

política e para se defenderem dos agravos, recorrem ao R. Consulado, como único meio eficaz.

Se isto ocorre em tal ambiente, pode-se imaginar o que acontece com o voto das coletividades italianas de outras colônias do Norte e do Sul americanas, dispersas no meio de populações mais cultas e mais numerosas. Geralmente servem como instrumento político do partido do lugar, que momentaneamente os conquista, até que sejam abandonados, logo que o objetivo foi alcançado. Até que a massa de emigrantes não tiverem suficiente preparo intelectual, nos parece que encontrarão sempre a maior defesa de seus interesses na tutela do pátrio Governo.



A representação fotográfica do progresso na **REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS**

A REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO PROGRESSO NA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS¹

Carla Fernanda da Silva²

A trajetória da Revista Blumenau em Cadernos torna visível que nosso caminho pela cidade é uma réplica, construída e desconstruída por fotógrafos, historiadores e editores, e tem a atribuição de um valor de verdade sobre a cidade real. Pensar os espaços como locais de passagem, leva-nos a refletir sobre a importância das fotografias divulgadas sobre a cidade, em que a representação fotográfica é uma projeção, por vezes, imaginária desta cidade. A fotografia atua no campo da imaginação e da memória social. Portanto, mais do que vivenciar a cidade, as imagens produzidas é que irão construir a imagem/conceito do local como memória social, entre o que se revela e o que oculta da cidade. A fotografía tem sido valorizada como documento, assim como em seu papel de preservação da memória e identidade de uma comunidade, cidade ou país. Mas percebe-se que o modo como elas são utilizadas é, por vezes, meramente ilustrativo, não havendo uma reflexão sobre a imagem. Talvez sejam escolhidas por julgá-las as mais bonitas, o que de certa forma já traz em si significados intrínsecos.

Com a transição do século XIX para o século XX a

¹ Este artigo é versão modificada do Capítulo III, da dissertação de mestrado apresentada pela autora ao Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, intitulada: Grafias da Luz: a narrativa visual da cidade na Revista Blumenau em Cadernos, sob orientação da Prof.ª Dra. Ana Lice Brancher.

² Possui mestrado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora Substituta do Departamento de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: carlafs@furb.br

necessidade da construção de uma representação de cidade moderna se intensifica, um modo de atestar a vitória da civilização sobre a selva que os primeiros colonizadores encontraram. Sobretudo, há o desejo de fazer Blumenau figurar entre as grandes cidades brasileiras, fazendo, assim, com que as imagens da cidade deem visibilidade à representação do progresso, conferindo-lhe este *status* de modernidade. A fotografia é um dos símbolos deste *status*, por meio desta é possível divulgar a modernidade, uma representação a partir do real. A fotografia é consumida, e raramente analisada. Assim, não é compreendida como uma representação que passa por um processo de criação/construção do fotógrafo, mas como um testemunho incondicional da história, uma verdade exposta.

No início do século XX, a fotografia tem um papel de destaque em relação à representação das cidades, pois as novas tecnologias de impressão permitem a ampla divulgação de Cartões Postais, e estes se tornam a grande moda na Europa. Kossoy afirma que o cartão postal é um mundo portátil, fartamente ilustrado, passível de ser colecionado, constituído de uma sucessão infindável de temas que vem finalmente saciar o imaginário popular.³ Os cartões postais tornam notáveis os prédios, ruas, praças e monumentos, faz da cidade um palco, onde são encenadas as disputas políticas da modernidade.

Analisando o papel dos postais na sociedade e o impacto destes, percebe-se que em um "primeiro momento, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, decreta notável aquilo que fotografa."⁴, criando uma narrativa sobre a cidade por meio de seus prédios, ruas, praças, que logo constituirão a memória da cidade, pois evidencia o que constitui lugar

³ KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002. p 63

⁴ BARTHES, Roland. A Câmara Clara: Nota sobre a fetografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p 57

de memória. Na escolha estabelecida pela elite local, com base em sua história particular, elegem-se as ruas, praças e prédios do centro urbano da cidade, tornando invisíveis outros espaços, sobretudo o que estes possam representar. Os espaços que figuram como locais de memórias da cidade, também fixam os privilégios conquistados pela elite, e são estes lugares "onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, que fixaram o alto valor de certos bens culturais: os centros históricos das grandes cidades." Os postais educam os sentidos dos moradores da cidade e dos viajantes, indicando para estes o que é importante ser olhado, e para os moradores o que deve ser rememorado.

Blumenau tem duas séries de cartões postais que figuram constantemente na Revista Blumenau em Cadernos como ilustração da cidade. A primeira editada por Eugen Currlin, proprietário de uma livraria, tipografia e comércio de importações, no início do século XX. Foi impressa na Alemanha e deve fazer parte da estatística de cartões produzidos naquele país, que no ano de 1899 chegou a 88 milhões de unidades, seguida pela Inglaterra de 14 milhões, Bélgica: 12 milhões e França: 8 milhões.⁶ Os postais tiveram na Alemanha seus principais colecionadores, hábito trazido para Blumenau por aqueles que emigraram neste período. Os postais de Currlin não eram apenas souvenirs de colecionadores, representavam uma 'tentativa de enraizamento' do imigrante, em que revela o 'trabalho de conquista da paisagem'⁷ pelo colonizador. A segunda série de postais foi editada por Arthur Koehler na década de 1930, que emigrou para Blumenau em 1892, onde primeiramente trabalhou como vendedor viajante para os irmãos Hering, seus tios. Depois trabalhou no jornal *Der*

⁵ CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. SP: Ed. USP, 2006. p 160)

⁶ KOSSOY. Op. Cit. 2002, p 64

⁷ SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In História da Vida Privado no Brasil. SP: Cia das Letras, 1998. p 424

Urwaldsbote, importante jornal de língua alemã em Blumenau, que adquiriu posteriormente, juntamente com uma tipografia.⁸

Currlin, e principalmente Koehler, muito contribuíram para a construção da imagem da cidade de Blumenau. As coleções de cartões postais delimitam a cidade visível ao centro urbano, ocultando a Blumenau rural e, principalmente, a Blumenau indesejada, 'pobre e suja', que precisava ser modificada. Estes postais constroem um novo modo de olhar a cidade, apresentam a transição da colônia para a cidade idealizada pelo enquadramento do fotógrafo, que nos mostra o que deve ser valorizado nesta nova cidade que se apresenta. Assim, essa narrativa fragmentária conduz nosso olhar para espaços que dão visibilidade à ordem, progresso, higiene e beleza - espaços estes que ao longo do tempo tornaram-se lugares de memória.

As fotografias dos postais serviram num primeiro momento para a construção da memória, e a permanência delas, nas publicações da Revista Blumenau em Cadernos, continuam entrelaçando os discursos sobre a cidade. Currlin, ao editar a primeira série de postais, apresenta uma cidade em transição, cumprindo as aspirações de progresso de seu fundador, mas sem deixar de expor a tradição étnico-cultural de Blumenau. A narrativa deste conjunto de fotografias mostra a transformação de Blumenau, em que a maquinaria urbana moderna se sobressai à cidade, tornando-a cenário. A partir dos fragmentos-postais emerge a imagem-conceito da cidade, que representa os anseios de identidade de sua população, não em relação a sua etnicidade, explícito nos textos, mas sim enquanto modernos. A escolha de determinados espaços urbanos, casas, ruas e praças, como representação de um passado da cidade, fez destes lugares de memória.

A afirmação destes lugares de memória por meio do

⁸ Centenário de Blumenau. Blumenau: Edição Comissão de Festejos, 1950. p. 410

⁹ BLUMENAU. Relatório de Governo 1939 - Pref. José Ferreira da Silva

documento fotográfico, não tem a intenção apenas de lembrar; muitas vezes, uma fotografia, tem a intenção de fazer esquecer. "O não fotografado pode perecer com a memória daqueles que presenciaram determinado acontecimento, sendo que este pertence essencialmente à linguagem." Assim, a repetição do espaço organizado da cidade também pretende fazer esquecer os espaços de desordem.

O mais emblemático destes postais em relação à representação do progresso não são as fotografias do centro urbano, mesmo porque este ainda não tinha a estrutura que se desejava ter. Assim, a prosperidade é mostrada por meio das embarcações e, também, por seus Hospitais e Escolas, símbolos de avanço científico e de conhecimento.

Para alcançar o crescimento econômico, era necessário os administradores da Colônia sair do seu isolamento. Nos livros de José Deeke e Ferreira da Silva sobre a história de Blumenau, pode parecer que a Colônia desde o seu início procurava se estabelecer como uma grande cidade no sul do Brasil, referência econômica e cultural, compreendida a partir da interação e comércio com outras cidades. Porém, em 1862, Dr. Hermann Blumenau negara o pedido de um imigrante para a constituição de uma Companhia de Navegação que estabeleceria uma linha de vapores entre a Colônia e a Capital, fato que possibilitaria o crescimento econômico da Colônia, e solucionaria os problemas por ela enfrentados. Não há justificativas para a negação do pedido, visto ser algo que por vezes era disposto em seus relatórios como solução para os problemas econômicos da Colônia.

Apenas em 1878, comerciantes de Blumenau fundam a 'Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau', possibilitando interligar a colônia às outras cidades. Seu primeiro vapor recebeu o nome de

¹⁰ DELEUZE. Gilles. Lógica do Sentido. SP: Perspectiva, 2003, p. 23

Progresso' (Figura 01), e segundo Ferreira da Silva, "durante três decênios, serviu galhardamente ao desenvolvimento da Colônia e do Município." Ou seja, evidencia o desejo de crescimento dos comerciantes locais, visto que o rio era o meio para se estabelecer a expansão desejada, porém era necessário o vapor de rodas, pois embarcações maiores não ultrapassavam as corredeiras próximas à localidade Belchior (município de Gaspar).

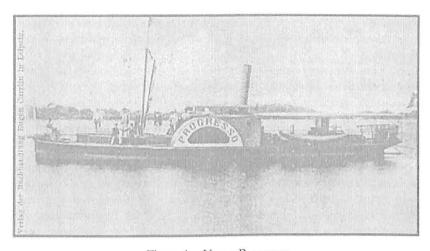


Figura 1 – Vapor Progresso Fonte: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XVII - nº 6 – Junho 1976, p. 249

Currlin, em seus postais do vapor 'Progresso' e do porto de Blumenau (Figura 02), busca constituir mais solidamente sua narrativa de progresso sobre a cidade. O postal que retrata o porto de Blumenau tem o dobro de comprimento dos demais, mostrando uma visão panorâmica em que a beleza da fotografia distraía a fragilidade do porto. Os postais são propagandas da cidade, assim como seu discurso dá visibilidade aos anseios expansionistas da modernidade, que procura entender o conhecimento e a

¹¹ Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII – nº 03/04 – Março/Abril de 2002

¹² Fotografia reproduzida na *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV - nº 11/12 – Nov/Dez de 2003, p 94

posse da natureza, a produção, a circulação e o consumo dos bens.¹³ Assim, apesar da evidente fragilidade do porto e de seus vapores, estes figuravam como principal símbolo da renovação e crescimento econômico da cidade, mostrando a narrativa de emancipação e modernidade como legítima.

Na Revista Blumenau em Cadernos estas fotografias ilustram textos de Ferreira da Silva¹⁴ e do viajante Robert Gernhard¹⁵, ambos consideravelmente ufanistas de Blumenau.

Robert Gernhard elogia constantemente a localização geográfica de Blumenau, destacando-a como privilegiada, algo refutado por Ferreira da Silva, ao iniciar seu texto explorando o questionamento dos blumenauenses quanto à escolha do local para fundar a Colônia, visto ser de difícil acesso pelo rio e estar sujeito a constantes cheias. Em seu relato, do final do século XIX, ou seja, mesmo período em que os postais de Currlin foram feitos, Gernhard afirma que "graças a localização privilegiada da povoação, às margens de um rio navegável, houve o desenvolvimento." ¹⁶



Figura 2 – Antigo Porto de Blumenau Fonte: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo V - nº 3 – março 1962, p. 44

¹³ CANCLINI. Op. Cit. 2006. p 31

¹⁴ Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII - nº 03/04 - Março/Abril de 2002

¹⁵ Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XXXIX - nº 11/12 - Nov/Dez 1998

¹⁶ GERNHARD, Robert. O Município de Blumenau. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XXXIX, Novembro/Dezembro de 1998, nº 11/12. p 55

Seu texto, de fato, está sempre evidenciando que o desenvolvimento da cidade Blumenau estava atrelado a imigração alemã: Os blumenauenses afirmam que daqui parte uma atividade comercial intensa e uma exportação maior do que a Colônia Dona Francisca. O rio navegável contribui, mas o fator principal está no tipo do imigrante que veio para Blumenau.¹⁷

Ferreira da Silva, em texto original de 1972, expõe os vapores como glória do progresso e da cidade num interessante jogo de palavras com os nomes dos vapores:

Tanto o "Progresso" quanto o "Blumenau" prestaram assinalados serviços ao desenvolvimento econômico e cultural do Vale do Itajaí. Principalmente o último. Cumprindo maravilhosamente, o destino para que fora talhado, numa época em que o progresso da nossa cidade se acentuava de dia para dia. 18

Ferreira da Silva, como porta-voz da história de Blumenau por longo tempo, constrói o discurso de 'cidade a frente de seu tempo', assim como transforma Hermann Blumenau e os pioneiros da imigração em heróis da cidade. É bom lembrar que este também é um espectador das fotografias realizadas no final do século XIX, e que viriam a constituir os postais de Currlin. Ferreira da Silva, na construção de seu discurso ufanista, usa essas imagens como continuidade de seu texto, não apenas em caráter ilustrativo, mas também para dar um sentido de 'prova de verdade' para o documento fotográfico. O uso dos postais de Currlin no texto de Ferreira da Silva, de fato, constitui importante emblema na significação da memória da cidade, já que estamos lidando com três momentos históricos: a produção dos postais, a primeira publicação do texto em 1972, e sua republicação

¹⁷ GERNHARD, Robert. O Município de Blumenau. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XXXIX, Novembro/Dezembro de 1998, nº 11/12. p 55

¹⁸ SILVA, José Ferreira. *Como a Glória dos homens, também passa a glória dos vapores.* Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII, março/abril de 2002, nº 03/04. p 33

em 2002 na Revista Blumenau em Cadernos. Em relação à fotografia, Barthes e Kossoy defendem que a leitura é sempre no tempo presente, ou seja, seu processo de significação se dá no momento de consumo da imagem, assim o significado de leitura fotográfica do porto de Blumenau, e principalmente dos vapores, se dá no tempo presente.

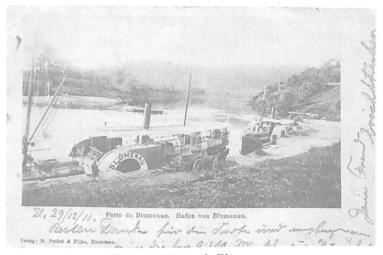


Figura 3 – Porto de Blumenau O Vapor 'Blumenau' de gloriosa memória, atracado ao cais do porto Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo IX - n Abril. 1968, p. 75

É significativo o apelo de Ferreira da Silva em seu texto de 1972 para o *Jornal de Santa Catarina*: "E, agora, depois de uma vida tão gloriosa, ele ali está, decompondo-se no abandono e na ferrugem, desbotado e desarvorado, como velho decrépito e inútil, jogado às privações e à solidão de um asilo pobre. Morrendo deslembrado e à mingua de cuidados."¹⁹

O vapor Blumenau²⁰ tornou-se patrimônio da cidade e é

¹⁹ SILVA, José Ferreira. Como a Glória dos homens, também passa a glória dos vapores. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII, março/abril de 2002, nº 03/04. p 37

²⁰ Fotografia também publicada nas edições: Revista Blumenau em Cadernos. Tomo VII – nº 4 – abril de 1964. p 84; Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLIII- nº 3/4– Março/Abril 2002, p 34

exposto à margem oposta ao porto. A seleção do vapor como patrimônio encena, de fato, a patrimonialização da história de progresso da cidade. Para Canclini, a teatralização do patrimônio é o esforço para simular uma origem, em relação à qual deveríamos atuar hoje.²¹

Em seus textos, Ferreira da Silva, sempre destaca o desenvolvimento da cidade, mas calcado no projeto empreendedor de Hermann Blumenau. Assim, a memória do desenvolvimento, progresso e modernidade da cidade está atrelada à colonização alemã, tornando invisíveis os italianos, portugueses, afro-descendentes, que não estão presentes nos textos, apesar de também participarem do processo de construção da cidade.



Figura 4 – Embarque e Desembarque Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo V - nº 11/12 – Nov./Dez. 1962, p. 151

Se o ideário de Currlin mostra a cidade oscilando com a ruralidade, por vezes entendida como tradição e discurso do progresso,

²¹ CANCLINI. Op. Cit. 2006, p 162

Arthur Koehler, na sua série de cartões postais da década de 30, já exibe imagens em que a transição para a 'cidade' se apresenta de forma mais concreta. São imagens em que a reinvenção da cidade se apresenta permanentemente. Não é apenas a estrutura arquitetônica que dá novo sentido ao centro urbano. Nestas fotografias, é possível observar a 'movimentação' da cidade, pedestres, carroças e carros em circulação. O mesmo padrão é observado nos álbuns sobre a cidade de São Paulo²², cujas imagens procuram dar visibilidade ao desenvolvimento econômico do local e as pessoas e carros evidenciam o trabalho e a circulação de mercadorias. A importância dada à circulação de mercadorias torna-se mais evidente nos postais relacionados à Estrada de Ferro, em que se observa o trem, a Estrada e também a Ponte de Ferro²³ que cruza o rio Itajaí, hoje um dos principais 'cartões postais' da cidade.

A fotografia não apenas registra a pretensa modernidade; a câmera fotográfica e a própria fotografia são objetos da modernidade. Assim, além de exibir, a fotografia participa e representa esta. Nos postais de Koehler, é perceptível o papel de construção de imagem exercido pelo fotógrafo; o olhar atento ao *studium* da fotografia nos faz perceber o ponto de fuga sob o qual a imagem é organizada; a perspectiva acentua a noção de profundidade, assim a representação da cidade é ordenada.

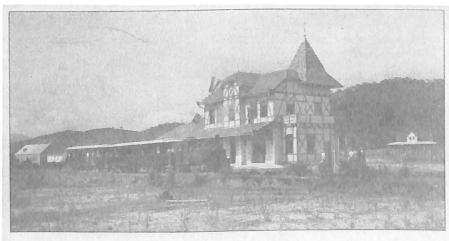
A circulação ordenada de bens é emblema desta modernidade, portanto não pode ser limitada ao trajeto do rio, tem que ter o poder de aproximar as cidades e vilas mais distantes. Os vapores, aos poucos, cedem lugar às locomotivas com ampliada capacidade de carga, cujos trilhos, em alguns trechos, seguirão o trajeto do rio, porém vão mais além, abrindo caminhos novos onde os vapores não chegaram.

²² LIMA, Solange Ferraz de. Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997

²³ Ponte Aldo Pereira de Andrade

Os apelos para a construção da ferrovia eram justificáveis, a partir de seus anseios de reformulação da cidade. A *Revista Blumenau em Cadernos*, em 2001²⁴, quando completava os trinta anos do fechamento da Estrada de Ferro de Santa Catarina, apresenta três notícias extraídas do jornal *O Nacional* entre março e maio de 1918. Nas notícias, a imprensa local relaciona o desenvolvimento da região à construção da ferrovia:

Não será difícil ao Governo Federal autorizar a sua construção, que é de inadiável necessidade e estratégia por se tratar de um porto de certa importância como é o de Itajaí, que serve de escoadouro aos produtos agrícolas e industriais de dois adiantados municípios, como são Blumenau e Brusque, povoados, além disso, e na sua maior parte, por elementos germânicos.²⁵



Estação de Blumenau. Estrada de Ferro Santa Catharina. Station Blumenau. Santa Catharina Eisenbahn.

Figura 5 - Estação de Blumenau Fonte: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo X - nº 5 – Maio 1969, p. 84

É interessante perceber que os municípios de Blumenau e

²⁴ Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLII - nº 03/04 - Março/Abril de 2001

^{25 (}O NACIONAL, abril,1918. apud Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLII – nº 03/04 – Março/Abril de 2001

Brusque são descritos como adiantados, assim como a citação de que seu povoamento se dá por imigrantes alemães. O anseio pelo progresso tornase mais evidente numa matéria de maio de 1918:

Levados os trilhos da Santa Catarina até as terras altas do nosso riquíssimo 'hinterland', o nosso progresso deixará esse passo de boi em que se tem vindo arrastando. Todas as riquezas das regiões do Alto-Itajaí e dos campos deixarão de ser simples possibilidades econômicas, para se tornarem valores efetivos.²⁶

Na década de 30, quando Koehler imprime a locomotiva em seus postais, faz também uma propaganda desta cidade adiantada, em relação a tantas outras. A cidade idealizada é construída com imagens reais, porém somente compreendidas a partir de sua representação simbólica. A cidade real, que se fixa em nossa memória, é a cidade fotografada.

As fotografias externas fazem parte dos postais de Koehler, nos quais a ordem da cidade também é representada pelo saber médico. No conjunto de imagens e textos dos anos 30, percebe-se o desejo de mostrar uma Blumenau que acompanha o progresso da ciência; ou melhor, uma cidade referência, que em seu discurso textual equipara-se aos grandes centros urbanos.

A capa e contracapa da Revista Blumenau em Cadernos que aborda o tema e nos traz estas fotografias é bastante significativa em relação ao discurso do progresso científico. A fotografia do médico/cientista ao microscópio traz em si um discurso de modernidade, mas esta imagem pairando sobre a cidade é muito mais significativa enquanto discurso.

^{26 (}O NACIONAL, maio, 1918 apud Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLII – n° 03/04 – Março/Abril de 2001

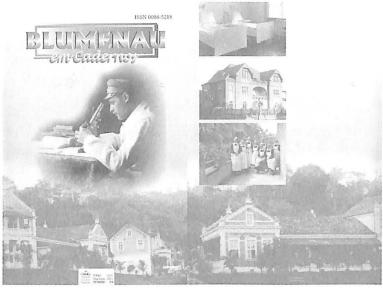


Figura 6 – Capa da Revista Blumenau em Cadernos Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIII- nº 5/6– Maio/Junho 2002, capa e contracapa

Detendo o olhar sobre o conjunto de fotografias, percebe-se a preocupação em demonstrar a ordem e limpeza nas fotografias externas e, principalmente, na fotografia interna e das Irmãs administradoras do Hospital Santa Catarina, que são imagens promocionais destes.

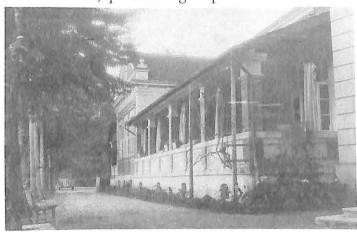


Figura 7 - Hospital Santa Catarina Fonte: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLIII- nº 5/6– Maio/Junho 2002, p 16

As fotografias do Hospital Santa Catarina e Santa Isabel ilustram um texto da coluna 'Documentos Originais', no qual são transcritos Relatórios da Colônia Blumenau, Relatórios do Município, cartas, memórias, textos dos Kalenders²⁷, etc.. Muitos destes textos são traduções do alemão, e a coluna é bilíngue. O objetivo é possibilitar ao leitor atual o conhecimento destes documentos do século XIX e início do século XX, visto que muitos já desconhecem a língua alemã, ou não leem o alemão gótico, constante nestes textos. O texto em questão é de Karl Kleine e foi publicado inicialmente no almanaque Blumenauer Volkskalender de 1933, em que o autor descreve a campanha para a construção do Hospital Santa Catarina pela Comunidade Evangélica Luterana, na década de 20. Blumenau já tinha um Hospital Municipal, mas a Comunidade Evangélica procurava um local adequado para a construção do Hospital, assim o terreno 'estava situado no morro da Igreja, considerado um dos lugares mais bonitos de Blumenau.²⁸ A preocupação maior era com a modernidade do Hospital, enfim, demonstrar que Blumenau poderia oferecer um serviço médico compatível com os grandes centros.

Havia espaço para cinquenta camas, distribuídas em agradáveis salas e quartos bem iluminados. A construção era provida de grandes e bonitas varandas, das quais, parcialmente tinha-se uma vista maravilhosa sobre a cidade e redondeza. Uma sala de operação e de Raio-X com os devido acessórios disponíveis. Tudo instalado de acordo com as exigências da época.²⁹

²⁷ Kalenders alemães, 'aglutinavam, os aspectos sociais, culturais e educacionais da vida cotidiana dos teuto-brasileiros. Nele estão contidas informações históricas, narrativas folclóricas, natureza, arte, anedotas e poesias. (...) O almanaque tornou-se o meio de comunicação escrita mais popular, ao lado da Bíblia.' In FERREIRA, Cristina. Cidadania e Identidade na Sociedade Teuto-Brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História).

²⁸ KLEINE, Karl. O Hospital Evangélico de Blumenau: Hospital Santa Catarina. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLIII, maio/junho de 2002, nº 5 e 6. p 09)

²⁹ Idem. p 13

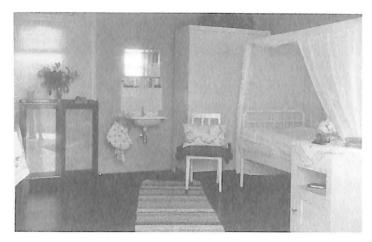


Figura 8 - Interior Hospital Santa Catarina Fonte: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLIII- nº 5/6– Maio/Junho 2002, p 13

Kleine destaca que o Hospital era administrado pelas Diaconisas e que estas haviam recebido formação no Mutterhaus, Instituto de Treinamento para Irmãs, na Fundação Catarina em Wittenberg (Alemanha), cujo objetivo é formar mulheres para atuar no exterior, principalmente nas colônias alemãs.³⁰ Pelo texto de Kleine percebe-se que a formação alemã e evangélica das administradoras garantem a qualidade e modernidade do atendimento deste Hospital, fato mais perceptível ao citar o Hospital Santa Isabel, que surgiu quando um médico pediu para as Irmãs alojarem doentes em sua casa, e como os pedidos de acolhimento aumentaram, adequaram o espaço para a formação do hospital. Ou seja, Kleine destaca que este hospital surgiu de um gesto humanitário e não de um planejamento, reforçando a necessidade da construção de um hospital moderno. A fragilidade do hospital é destacada quando Kleine relata que o prédio do Hospital Santa Isabel "acabara de ser concluído, quando o eficiente e humanitário médico faleceu repentinamente. Em consequência deste fato, o número de pacientes reduziu drasticamente no Hospital, e

³⁰ Ibidem. p 15

as irmãs foram obrigadas a fechar temporariamente a casa."³¹ Ao final do texto, Kleine elogia o Hospital Santa Isabel ao destacar suas novas e modernas instalações, assim como o fato de que 'o novo médico obteve a fama de hábil cirurgião, e se empenhava ao máximo para ajudar os doentes, seja na sala de operação, Raios-X ou na sala de curativos.'³² Blumenau, então, conta com dois Hospitais com equipamentos e espaços adequados para o atendimento da população. Mesmo deixando perceptível em seu texto que considera o Hospital Santa Catarina melhor, Kleine enfatiza muito mais o progresso que ambos significam para a cidade.



Figura 9 - Um grande Hospital na década de 30 Fonte: Revista Blumenau em Cadernos. Tomo IX – nº 5 – maio de 1968. p 98

Em outro artigo de Curt Hoeltgebaum, sobre o Hospital Santa Isabel, é destacado que em 1916 o novo prédio do Hospital Santa Isabel fora concluído e que "possui uma sala de cirurgia completamente equipada (comparado ao da cidade Santos). Possui equipamento de Raio-X para diagnósticos e terapias superficiais."³³

³¹ Ibidem. p 15

³² Ibidem. p 15.

³³ HOELTGEBAUM, Curt. Hospital Santa Isabel. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIV, setembro/outubro de 2003. nº 09/10. p 42

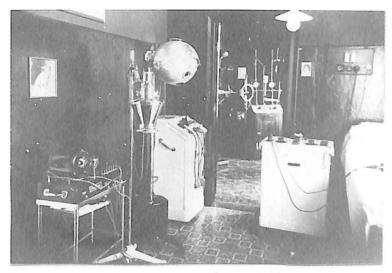


Figura 10 – Interior do centro cirúrgico do Hospital Santa Isabel – anos 20 Fonte: Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIV - nº 09/10 - setembro/outubro de 2003. p 42

Interessante é a discussão que Hoeltgebaum faz a respeito do público atendido, ressaltando que "no tratamento dos doentes não há distinção de nacionalidade ou credo. A maioria dos pacientes é constituída de alemães e descendentes." Destaca que "30% destes pacientes eram brasileiros, italianos, poloneses, russos e montanheses." Observação também feita por Kleine: "No tratamento, não existe nenhuma distinção quanto à posição social, nacionalidade ou religião." Hoeltgebaum, além de frisar a maioria de pacientes alemães, também faz referência à origem alemã do corpo clínico³6 e da congregação religiosa responsável pelo Hospital, vindas de Friendrichsburg em Münstes/Westfália.³7

O moderno e o progresso científico são sempre valorizados nos textos, e Kleine conclui que em 1933 o Hospital Santa Catarina "está

³⁴ Idem. p 42

³⁵ KLEINE. Op. Cit. 2002, p 17

³⁶ Dr. Sappelt - Östereich, Dr. Jungbluth - Köln e Dr. Kapelli - München

³⁷ HOELTGEBAUM. Op. Cit. 2003, p 41

aparelhado de acordo com o que exigem os conhecimentos avançados da ciência médica. Visando este objetivo, continuamos nosso trabalho sem cessar"³⁸ Hoeltgebaum também destaca no texto que "as modernas instalações se qualificam de acordo com os padrões europeus – o conforto se equipara aos melhores Institutos do sul do Brasil."³⁹

As fotografias figuram como ilustrações do texto de Karl Kleine e de Curt Hoeltgebaum e reforçam seus discursos, mas é importante percebê-las como parte deste discurso da década de 30, visto serem fotografias deste período.

A cidade, eternizada pelo olhar do fotógrafo, é representada pelo constante progresso, cuja certeza encontra-se em sua fundação. Assim, as grafias da luz formam representações da cidade, e na Revista Blumenau em Cadernos, como um novo suporte de reprodutibilidade, repetem o seu ideário de progresso.

Enfim, buscou-se mostrar neste artigo a cidade que fotógrafos e editores da Revista Blumenau em Cadernos escolheram para mostrar ao público. Uma cidade pensada a partir da lógica do progresso. Trazer à tona o discurso implícito nesta narrativa visual é uma forma de questionar esta história reproduzida na seqüência de fotografias. É pensar a história a contrapelo⁴⁰, para que possamos vislumbrar outros aspectos dos intricados acontecimentos históricos que, por vezes, a tradição e a história oficial tendem a encobrir. As fotografias não nos apresentam o passado como de fato ele foi, mas sim uma reminiscência, muitas vezes conformada na tradição historicista. Assim, pensar uma nova forma de leitura dessas fotografias é uma forma de repensar a história por elas representadas,

³⁸ KLEINE. Op. Cit. 2002, p 15

³⁹HOELTGEBAUM. Op. Cit.2003, p 41

⁴⁰ BENJAMIN, Walter. Teses sobre a Filosofia da História. Org. Flávio Kohte. SP: Ática, 1991.

pensar a história a partir da leitura impressa pelos vencedores, e descobrir a história encoberta daqueles que não tiveram oportunidade de escrevê-la.

A ordem, o progresso, o higienismo e o homem civilizado compõem o discurso deste conjunto de fotografias e daqueles que após as utilizaram para ilustrar os textos da Revista Blumenau em Cadernos. Discurso composto pelo historiador José Ferreira da Silva e que poucas rupturas teve ao longo dos cinquenta anos de edição. Portanto, enquanto editada por José Ferreira da Silva, os artigos presentes na revista exaltam o passado de Blumenau e, ao reescrever os fatos da história, destacam a sua origem como causa do progresso no município, assim como sua diferenciação em relação ao restante do país. Segundo Benjamin, "o conceito de progresso precisou opor-se à teoria crítica da história a partir do momento em que deixou de ser usado como medida de determinadas transformações históricas para servir como medida da tensão entre um lendário início e um fim da história."41 O conceito de progresso empregado por Ferreira da Silva inibe a reflexão crítica da história de Blumenau, ao pensar a sociedade como um movimento retilíneo de evolução, em que o presente está calcado no esforço do trabalho dos pioneiros da Colônia Blumenau. Ferreira da Silva, ao fazer sua leitura histórica a partir do progresso do município, faz da Revista Blumenau em Cadernos um espaço para exaltar suas origens.

A cidade, eternizada pelo olhar do fotógrafo, é representada pelo constante progresso, cuja certeza encontra-se em sua fundação. Assim, as grafias da luz formam representações da cidade, e publicadas na Revista Blumenau em Cadernos, como um novo suporte de reprodutibilidade, repetem o discurso do progresso.

⁴¹ BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG; SP Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006 p 520

REFERÊNCIAS

Fontes:

Acervo Documental e Fotográfico. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Blumenau - SC

BLUMENAU. Relatório de Governo 1939 - 1940 - Pref. José Ferreira da Silva

Centenário de Blumenau. Blumenau: Edição Comissão de Festejos, 1950.

Revista Blumenau em Cadernos. 1957 – 2007. Editora Cultura em Movimento: Blumenau – SC.

Bibliografia:

BARTHES, Roland. A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre a Filosofia da História. Org. Flávio Kohte. SP: Ática, 1991.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG; SP Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. SP: Ed. USP, 2006.

DELEUZE. Gilles. Lógica do Sentido. SP: Perspectiva, 2003.

FERREIRA, Cristina. Cidadania e Identidade na Sociedade Teuto-Brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí. Florianópolis, UFSC, 1998.

GERNHARD, Robert. O Município de Blumenau. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XXXIX, Novembro/Dezembro de 1998, nº 11/12.

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HOELTGEBAUM, Curt. *Hospital Santa Isabel*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIV, setembro/outubro de 2003. nº 09/10.

KLEINE, Karl. O Hospital Evangélico de Blumenau: Hospital Santa Catarina. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLIII, maio/junho de 2002, nº 5 e 6.

KOURY, Mauro Guilherme (org). Imagem e Memória: imagens em Antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

KOSSOY, Boris. Álbum de Photografias do Estado de São Paulo 1892: Estudo Crítico. SP: Kosmos/CBPO, 1984

42

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

LIMA, Solange Ferraz de. Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In História da Vida Privado no Brasil. SP: Cia das Letras, 1998.

SILVA, José Ferreira. Como a Glória dos homens, também passa a glória dos vapores. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII, março/abril de 2002, nº 03/04.



O CARNAVAL

na cidade de Brusque - 1950 e 1960

O CARNAVAL NA CIDADE DE BRUSQUE - 1950 E 1960

Luciana Paza Tomasi¹ Sueli Maria Vanzuita Petry²

RESUMO

Este artigo trata de algumas questões sobre o carnaval realizado na cidade de Brusque entre as décadas de cinquenta e sessenta. O estudo revela como a sociedade brusquense, representada pelos associados dos clubes esportivos Carlos Renaux e Paysandú, mobilizavam-se para fazer acontecer, nos seus salões, os bailes, e o desfile na principal rua da cidade. Nas interfaces da análise dos documentos e coleta dos depoimentos constatam-se rivalidades entre as promotoras dos festejos carnavalescos, formas de apresentarem-se ao público, organização do blocos, idealização dos carros alegóricos e bandas musicais.

Palavras-chave: Brusque - Carnaval - Clubes - Sociabilidades.

INTRODUÇÃO

Colonizada inicialmente por imigrantes alemães que chegaram ao Brasil a partir da segunda metade do século XIX, a cidade de Brusque, dentro do seu processo colonizador, tem procurado manter vivas algumas manifestações culturais as quais, ainda estão presentes no idioma, festas e crenças.

O aparecimento das indústrias locais trouxe uma relativa

¹ Bacharel e licenciada em História pela Universidade Regional de Blumenau.

² Professora Orientadora.

aproximação afetiva nos laços de relação entre patrões e funcionários. Muitos eram assíduos frequentadores das Sociedades dos Atiradores. Nestes locais, além de torneios de tiros, festas de reis, encontros sociais e bailes festejavam o carnaval com bailes de máscaras conforme a tradição. Apesar de ser considerada uma festa "pagã", desde os tempos coloniais o carnaval era festivamente comemorado em Brusque.

Numa rápida revisão da produção histórica alusiva ao tema contatou-se não existir entre os pesquisadores um estudo aprofundado em relação à temática. Apesar da escassa fonte, procuramos buscar, nas imagens fotográficas, notícias de jornais, acervos particulares e institucionais, principalmente nas falas dos velhos foliões que contribuíram enormemente para a construção deste texto.

MANIFESTAÇÕES SOCIAIS NA CIDADE DE BRUSQUE

Em Brusque, a sociabilidade citadina se fazia presente nos carnavais através das sociedades culturais e esportivas, promotoras de atividades que tinham como referência a cultura germânica representada pelos Clubes de Caça e Tiro, Sociedade Esportiva Bandeirante, Sport Club Brusquense (mais tarde denominado Clube Atlético Carlos Renaux), Clube Esportivo Paysandú, Sociedade de Caça e Tiro Ypiranga, Sociedade Beneficiente de Brusque, entre outros. Visavam "[...] integrar os membros da comunidade [...], normalmente dispersos pelas pequenas propriedades".³

Nestas manifestações de entretenimento, as sociedades de atiradores promoviam anualmente a "Schützenfest", uma tradição que faz parte destas sociedades e se constitui na disputa do "rei do tiro"

³ SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Vale do Itajai-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Movimento, 1974, p. 43.

e na busca do rei em sua casa. Este acontecimento ocorre dentro de uma ritualística mantida pelos descendentes de alemães, e no seu interior é que se tem notícia dos primeiros bailes carnavalescos de Brusque.

Foram estes colonos os primeiros a realizarem os bailes carnavalescos de que se tem notícia na cidade de Brusque. Estas comemorações eram realizadas no interior dos clubes de Caça e Tiro e seguiam os moldes dos antigos bailes de máscara. A celebração desta festa que antecipava o período da Quaresma era uma maneira de desfrutar, por algumas horas, de momentos de diversão e alegria.

Anos após a fundação da cidade, surgiram os primeiros grupos musicais, cultivados tanto por alemães como italianos e lusos, ou mesmo católicos ou evangélicos. Eram homens que se dedicavam à música durante suas horas de lazer.⁴

Na imprensa local aparecem notícias da participação de várias bandas nas folias brusquenses. Entre elas destacam-se a Urca Jazz⁵, sob direção dos irmãos Max; Ingo e Valter Rau; Jazz Band América, de Aldo Krieger – que juntamente com sua família e amigos, fez parte dos grandes animadores e organizadores de blocos carnavalescos – e Banda Ideal Jazz, dirigida por Victor Gevaerd.⁶

O carnaval, apesar de ser uma festa da alegria, em determinados momentos teve ausência de bailes e desfiles de carros na cidade em decorrência do período da nacionalização e da Segunda Guerra Mundial. Nestes dois casos, a imprensa local nada registra. As notícias reaparecem no final da década de quarenta, com o retorno dos bailes de salão.

⁴ PIAZZA, Walter Fernando. Folclore de Brusque: estudo de uma comunidade. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960, p. 151-154.

⁵ O grupo musical Urca Jazz, dirigida pelos irmãos Max, Ingo e Rau teve origem nos anos quarenta na cidade de Brusque, onde animou os mais diversos festejos até a década de sessenta.

⁶ O Progresso, 20 de fevereiro de 1931. Ano II, n. 40.

Na segunda metade do século XX, Brusque passa a sentir as mudanças provocadas por um novo surto de desenvolvimento. Estas se fazem sentir na infra-estrutura urbana, nos aspectos sócio-culturais e econômicos. A cidade preparava-se para celebrar o seu centenário.

O lazer da população neste período estava centrado na projeção cinematográfica da matinê no "Cine Teatro Real" e "Coliseu". Os divertimentos da juventude resumiam-se aos passeios dominicais no centro da cidade, onde acontecia o *Footing* – quando os rapazes ficavam nas laterais da principal rua da cidade e as moças circulavam – também as partidas de futebol e o café, principalmente o Pigalli, eram frequentados especialmente por homens. ⁷



Clube Esportivo Paysandú - sede antiga.

Nestes momentos de diversão, o futebol encontrava espaço para os fanáticos desportistas dos times Clube Atlético Carlos Renaux

⁷ GRACHER, Nayr; ADAMI, Luiz Saulo; ROSA, Tina. Gracher: uma empresa faz 100 anos. Itajaí: S&T, 2005, p. 62.

e Clube Esportivo Paysandú. Estes clubes esportivos promoviam várias formas de sociabilidade para atrair e divertir a população brusquense. Os eventos realizados no seu interior variavam desde a apresentação de desfiles, a bailes sociais e carnavalescos.

No entanto, apesar das sociabilidades, verifica-se uma forte rivalidade entre os participantes dos Clubes Paysandú e o Carlos Renaux. "As pessoas diziam que o Paysandú era o mais querido, e o Carlos Renaux era o vovô do futebol. [...] O Paysandú vivia mais dos operários, enquanto o Carlos Renaux era mais dos patrões".8

Vale aqui dizer que esta rivalidade nasceu nas primeiras décadas do século XX, quando estas duas agremiações se constituíram e passaram a competir entre si.

AS FOLIAS CARNAVALESCAS NOS CLUBES PAYSANDÚ E CARLOS RENAUX

Eis que chegou a festa máxima do povo, eis que chegaram os três dias de Momo; eis que chegou o Carnaval! É a festa onde não existe preconceitos nem distinção de classe. Operários e industriais, ricos e pobres, remendados e arrumados, todos deixam de ser o que são durante o ano para, neste momento, se tornarem unicamente, foliões. [...]. 9

Na construção das festas carnavalescas, as sociedades Sport Club Brusquense (posteriormente denominado Clube Atlético Carlos Renaux) e o Clube Esportivo Paysandú foram palco de vários acontecimentos sociais que envolveram associados e não associados que se divertiam nos salões destas sociedades¹⁰.

⁸ QUELUZ, Rui. Depoimento: 22 de julho de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque, 2008. MP3 (42 min.)

⁹ O Município, fevereiro 1955.

¹⁰ SAB, Op. Cit., p 166-180.

Estes clubes, durante várias décadas realizaram bailes carnavalescos em suas sedes, como também faziam a escolha do Rei Momo, Rainha do Carnaval, concurso de melhor fantasia e apresentação de blocos.

Para atrair os foliões, estes clubes noticiavam na imprensa local conclamando a todos com as seguintes chamadas: "No Clube Esportivo Paysandú, a folia terá início na segunda-feira. Pode-se afirmar que esse é o maior baile carnavalesco de Brusque e um dos grandes do Estado [...]". 11

Quanto à decoração era noticiado: "Os suntuosos salões estão magnificamente ornamentados esperando os foliões, a hora de saudar, com todas as pompas que merece, Sua Excelência o Rei Momo I e único. Na terça-feira haverá vesperal infantil, com prêmios das mais belas fantasias apresentadas pela garotada [...]". 12

Como se constata, a festa momesca não se restringia somente aos adultos. Para o público infantil – filhos dos associados – era oferecido, na terça-feira de carnaval, um vesperal que premiava as mais belas fantasias.

Fazia parte da tradição carnavalesca as famílias prepararem fantasias para seus filhos concorrerem durante a tarde infantil de seus clubes. Um destes momentos é lembrado pela senhora Marlene Schaeffer Petruski, que teve a alegria de ver a premiação de sua filha, Ana Fátima Petruski, no carnaval infantil. Este ato foi registrado pela imprensa no jornal O Município, de 21 de fevereiro de 1969, com o seguinte comentário: "[...] Esteve bem movimentada a tarde dançante-infantil no Clube Esportivo Paysandú. Houve, na oportunidade, classificação das melhores fantasias. E como tal, eis os classificados: Sexo feminino - Ana Fátima Petruski, filha do casal Egon e Marlene Petruski, que apresentou a melhor fantasia e sendo assim mereceu o 1ª lugar [...]". 13

¹¹ O Município, fevereiro de 1955.

¹² O Município, fevereiro de 1955.

¹³ O Município, 21 de fevereiro de 1969. Ano XV, n. 675.

Percebe-se nesta nota que, além da premiação promovida pelo clube, havia a demonstração de uma elite participante destes festejos. O fato de citar o nome dos pais possibilita identificar que espaço os mesmos ocupavam dentro da sociedade brusquense.

Esta mesma sociedade fazia premiações durante a realização dos bailes carnavalescos, como a escolha da Rainha do Carnaval, sendo as candidatas indicadas, principalmente, as moças que saíam em algum bloco. Ser eleita Rainha do Carnaval "era um privilégio para a moça". A sra. Marlene Petruski relembra, emocionada, do seu reinado na folia de 1954 no Clube Atlético Carlos Renaux, ao afirmar:

Ah, foi uma surpresa... [...] Gostei ainda muito mais porque aí os carros alegóricos eram os mais bonitos, tinham comprado todos de Itajaí, então realmente era muito bonito, era um carro todo iluminado! [...] A alegria de ser rainha, de sentar num carro, foi maravilhosa...!¹⁴

Quanto ao Rei Momo, os critérios eram diferentes. Segundo relata João Celso Schöning, "o Rei Momo era sempre o mais gordo da turma e o mais simpático da folia... o eleito para reinar no carnaval!". ¹⁵

A realeza de Momo tem suas origens na antiguidade, e segundo a mitologia grega, significa deus do sarcasmo e do delírio. Momo vivia rindo e tirando sarro dos outros deuses. Antes da era cristã, gregos e romanos o incorporaram à festa. O escolhido era avantajado e extrovertido e governava durante os dias da folia. No Brasil, apareceu pela primeira vez no Rio de Janeiro (1933).¹⁶

Apesar da importância de Momo na folia carnavalesca, pouco se

¹⁴ PETRUSKI, Marlene Schaefer. Depoimento: 21 de julho de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque, 2008. MP3 (50 min).

¹⁵ SCHÖNING, João Celso. Depoimento: 8 de outubro de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque, 2008. MP3. (35 min.)

¹⁶ Disponível em http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/pergunta_286824.shtml Acesso em 28/10/2008.

tem notícia na imprensa brusquense comentando seu espaço propriamente dito. As informações concentravam-se em divulgar o programa da festa, a nominata das realezas, premiados das fantasias e outros comentários paralelos ao evento. As chamadas vinham repletas de apelos convidativos para o festejo carnavalesco.

Para a escolha das realezas era constituído um júri do qual faziam parte membros da diretoria do clube social e pessoas de projeção na sociedade. Esta escolha ocorria na segunda-feira de carnaval à noite, durante o baile.

Segunda-feira também era o dia dos blocos se apresentarem nos salões das sociedades. Estes blocos preparados pelas tradicionais famílias brusquenses frequentadoras dos clubes organizavam-se de tal forma que se desencadeava uma verdadeira competição. A imprensa local estimulava a disputa noticiando o evento através de comentários como: "No baile da segunda-feira gorda, nos salões da Sociedade Esportiva Paysandú, alguns blocos se organizaram para que a noitada marque algo significativo na passagem de Momo entre nós". ¹⁷

A participação dos blocos durante o baile era um acontecimento que gerava grande expectativa entre os presentes. O ritual consistia no seguinte, conforme a foliã Marlene Petruski: "[...] A banda parava de tocar, todo mundo saía do salão para o bloco entrar e fazer sua apresentação. Cada um tinha sua vez! E a música era de acordo com o tema do bloco". ¹⁸

Estes blocos vinham vestidos com temas escolhidos pelos participantes que se organizavam com antecedência durante o mês de janeiro para fazerem uma bonita apresentação.

Outro grupo carnavalesco que se destacou nos salões do Paysandú era constituído pela família Gevaerd, que também costumava

¹⁷ O Município, 15 de fevereiro de 1958. Ano IV, n 164 18 PETRUSKI, Op. Cit.

preparar blocos para desfilar no clube e nas ruas da cidade. Ao relembrar destes momentos carnavalescos, Júlio Atanásio Gevaerd relata uma passagem ocorrida num determinado carnaval brusquense, em que sua família realizou um bloco de crítica humorada para o prefeito da época. O mesmo era extremamente

[...] carrancudo, muito brabo e ainda reclamava que ninguém chegava perto dele, que ninguém o cumprimentava. Então o meu pai com os amigos dele puxaram uma brincadeira e escreveram numa placa 'tem que cumprimentar', aí todo mundo fantasiado e tal e saíram pela cidade fazendo uma paródia pra cima do prefeito. Então, Brusque sempre teve essa alegria, essa vontade de participar!¹⁹

Esta forma de brincar e ao mesmo tempo desenvolver uma crítica de ordem social e política não era levada a sério, mas o carnaval abria espaço para esta forma de expressão.

Na década de cinquenta, apesar do rádio ser um instrumento pouco acessível para algumas camadas sociais da cidade, a música carnavalesca era ouvida com antecedência pelos foliões que a ele tinham acesso. Sempre havia uma marchinha executada em todas as cidades em que o Momo reinava. Ao comentar o aprendizado das melodias, relembra a senhora Nayr Gracher:

As marchinhas a gente ensaiava antes do carnaval, pra aprender as marchinhas daquele tempo, que tocavam nas rádios... E a gente então fazia as reuniõezinhas de noite pra aprender a música pra cantar...! Cada bloco tinha uma música, de acordo com o bloco era a musica, com a fantasia...²⁰

A preparação que antecedia os festejos carnavalescos constituía-se numa reunião de família e amigos que, em meio a muitos risos

¹⁹ GEVAERD, Julio Atanásio. Depoimento: 24 de abril de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Blumenau, CEMOP. MP3. (51 min.).

²⁰ GRACHER, Nayr. Depoimento: 08 de setembro de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque. MP3 (42 min.).

e cantos, confeccionavam as fantasias e ensaiavam as novas marchinhas para a apresentação dos seus blocos.

Nos três dias de folia, os bailes eram abrilhantados pelas orquestras a base de metais que executavam diversas marchinhas, próprias da festa. Nos depoimentos colhidos, as pessoas citaram como grandes sucessos carnavalescos músicas como: "O teu cabelo não nega", "No deserto de Saara" (Allah lá ô), "É dos carecas que elas gostam mais", "Mamãe eu quero", "A banda", "Jardineira", "Ô abre alas". Nomes de compositores como Noel Rosa, Chiquinha Gonzaga, Ary Barroso, Noel Rosa, entre outros, eram relembrados nos salões da cidade.



Banda Urca Jazz. - Dec 50 - Paysandu.

A banda Urca Jazz era uma das mais solicitadas nas festas sociais e bailes de carnaval da cidade e região. De acordo com a filha do músico Max Rau, a senhora Dirce, o grupo recebia livretos do Rio de Janeiro contendo letras e partituras das marchinhas carnavalescas que eram lançadas na Capital Federal e, posteriormente, cantadas nas mais diversas cidades do país.

As marchinhas, compostas especialmente para o tríduo momesco, através da divulgação pela rádio, chegavam rapidamente a todo o Estado e também à cidade de Brusque.

Um outro ritmo musical que apareceu neste período foi o samba. A novidade ritmada deu origem à Escola de Samba em Brusque. Esta introdução nos bailes carnavalescos se deve a João Celso Schöning, um carnavalesco convicto que, para alegrar o carnaval local, juntamente com um grupo de amigos constituído por moças e rapazes, organizou um grupo de aproximadamente vinte e cinco integrantes que se uniram para formar a primeira Escola de Samba da cidade, chamada "Manera a Voga". ²¹ João Celso Schöning, explica o seu significado:

Voga, no barco de pesca, os remos estão dentro de duas vogas. Então pra equilibrar o barco, ele tem que botar junto... Manera era maneira... Ele pegava os remos e tinha que ser tudo em conjunto, senão ou ia pra um lado, ou pro outro ou até virava! Então a gente tinha que ter a Manera Voga, andar consciente, fazer o seu dever... Daí surgiu o nome, mas o sentido dela é o equilíbrio... ²²

Munidos de instrumentos de percussão e vocal, este grupo participou ativamente dos carnavais da cidade e região até o ano de seu fim, 1965.

O sucesso da Escola de Samba a levou a ser requisitada pelos melhores clubes da cidade e, principalmente, era convidada a tocar no baile social da segunda-feira à noite do Clube Esportivo Paysandú. Este baile era restrito aos associados e a Escola era uma das atrações principais.

Relembra João que, além de tocarem no Carlos Renaux e Paysandú, abrilhantaram os carnavais de Itajaí, Tijucas e São João Batista. A ressalva do depoente é que nunca receberam nada em troca, ainda mais, comenta que inclusive "as despesas eram rateadas entre os membros da Escola".

²¹ Fundada na cidade de Brusque em 1956, durou até o ano de 1965.

²² SCHÖNING, Op. Cit.

Segundo João, a participação no baile de carnaval acontecia da seguinte forma:

Começava o baile com nos desfilando [...]. Certa altura fazia uma nova apresentação! Entrada e a apresentação na metade da noite [...]. Antes do baile, faziam a concentração: ninguém bebia. Quando terminava, cada um podia fazer o que queria... Mas a disciplina era rígida! E terça-feira, último dia, era o desfile de rua.²⁵

Naquele período, continua, "não havia composição de crítica social". Suas músicas eram alegres, festivas, muitas vezes composições dos próprios integrantes da escola, já que não costumavam buscar nada de outros lugares, contando apenas com a criatividade do grupo.

Diferentemente do que ocorria no Rio de Janeiro, esta Escola não tinha por costume apresentar um enredo anual, como era comum acontecer nos grandes centros urbanos do país.

Outro componente associado ao carnaval relacionava-se à ornamentação da sede social. Relembra a foliã Marlene Schaeffer Petruski, onde a decoração inicialmente era muito simples, "[...] eram ornamentados com serpentinas e confetes, não havia decorações mais elaboradas [...]". ²⁴

Com o desenvolvimento da cidade e consequentemente da festa, por volta dos anos sessenta, a decoração tornou-se mais sofisticada, os materiais eram adquiridos em cidade maiores, como Florianópolis.

A decoração do Clube Esportivo Paysandú era feira pela família Gevaerd, a qual se inspirava em "temas relevantes do momento vivido no país". Esta opção, segundo Julio Gevaerd, era uma forma de estar afinado com os acontecimentos nacionais, pois o Brasil estava atravessado o período da revolução militar.

Mas nem sempre havia um tema possível de ser representado

²³ Ibid.

²⁴ PETRUSKI, Op. Cit.

no salão, neste caso, segundo Gevaerd: "[...] a gente partia mais pra um tradicional, com máscaras, forração de parede, utilizando bastante papel colorido, papel laminado, balões e serpentinas. Mas sempre se procurava alguns desenhos pra se motivar!²⁵

Júlio relembra que várias vezes foi a Florianópolis, juntamente com membros de sua família na capital, aprender como faziam a decoração de seus salões. A partir daí, começou a ajudar seus familiares nos preparativos do carnaval em Brusque, onde assumiu a responsabilidade pela decoração da sede do clube, como também dos carros alegóricos.

Os materiais para a decoração inicialmente vinham da capital, por haver maior acessibilidade. Posteriormente, as lojas de Brusque começaram a trazer este material e o clube passou a adquiri-los na cidade, prestigiando o comércio local. Segundo Ferreira, "[...] o comércio urbano percebeu que poderia ganhar um bom dinheiro vendendo mercadorias ligadas à nova forma de folia."²⁶

Confetti, serpentina²⁷, papéis de cores diversas eram especialmente utilizados nestes dias festivos. Mas o lança-perfume constituía o item mais importante da festa. Todas as pessoas o adquiriam, seja no comércio da cidade ou nos próprios clubes. Como relembra Maria Luiza Renaux: "Não tinha censura nenhuma o lança-perfume! Era espetáculo! Todo mundo tentava comprar um pra jogar uns nos o durante os carnavais... Era um cheiro bem típico de carnaval!".²⁸

Para obter os recursos na decoração, a estratégia aplicada

²⁵ GEVAERD, Op. Cit.

²⁶ FERREIRA, 2004, Op. Cit., p. 178.

²⁷ O confetti, trazido de Veneza, inicialmente de Gros açucarados, posteriormo Brasil, substituído por papeis coloridos. A serpentina era constituída por uma rolo de papel colorido. Ambos foram introduzidos no Brasil em 1897.

²⁸ RENAUX, Maria Luiza. Depoimento: 19 de setembro de 2008. Entrevistadora na Paza Tomasi. Brusque, 2008. MP3. (18 min).

clubes era, além do pagamento das mensalidades, cobrar uma taxa extra que dava o direito de adquirir uma mesa e convidar amigos que não eram efetivamente associados do clube.

Os foliões, para participarem do baile social, deveriam trajar alguma fantasia ou acessório próprio da festa. Como recorda Nayr Gracher: "Nós confeccionávamos e vestíamos fantasias próprias; formávamos os blocos de moças e rapazes, todos fantasiados para os bailes, que premiavam as melhores fantasias [...]". Relata ainda que seu pai, alfaiate, era especializado em moda masculina. "Ele era o principal responsável pela confecção das fantasias masculinas dos seus blocos".²⁹

Muitos foliões criavam suas próprias fantasias e quem sabia costurar, confeccionava também para os amigos. Marlene Petruski comenta: "Eu gostava muito de costurar, as fantasias eu sempre adorei fazer! [...] O material... era só tecido e lantejoula... Íamos muito a Itajaí buscar, que aqui não tinha...". ³⁰

Porém, nem todos tinham condições de elaborar ou mesmo adquirir uma fantasia. Neste caso, comenta o fotografo Érico Zendron: "[...] Muitas vezes, como era descendente de pessoas simples e com família constituída, era difícil conseguir dinheiro para participar, pois teria que ter condições para adquirir roupas adequadas, o ingresso para o clube e também o que iria consumir durante a festa! Era um gasto que muitos não poderiam ter...". 31

²⁹ GRACHER, 2008, Op. Cit.

³⁰ PETRUSKI, Op. Cit.

³¹ ZENDRON, Érico. Depoimento: 17 de setembro de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque. MP3. (50 min.).



Banda Jazz Band America.

Este comentário de Zendron reforça mais uma vez o elitismo presente nestes bailes sociais.

Para atender às classes menos favorecidas, apreciadoras do carnaval, realizava-se em localidades distantes do centro da cidade o baile carnavalesco popular. Segundo relata Arnold Darci Benvenutti, os locais mais frequentados eram: "Sociedade Santos Dumont, Salão do Catarinense, entre outros [...].³²

Para manter a ordem nos três dias dedicados a Momo, havia uma programação nas duas principais sedes sociais, que se distribuíam da seguinte forma: No Clube Atlético Carlos Renaux, sexta-feira, o baile social; sábado, o baile popular; domingo, tarde infantil. Na segunda-feira, o baile concentrava-se no Clube Esportivo Paysandú³³. Na terça-feira acontecia o esperado desfile vesperal, que contava com a participação da

³² BENVENUTTI, Arnoldo Darci. Depoimento: 01 de julho de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque. MP3 (29 min.).

³³ O Município, 26 de janeiro de 1968.

Rainha do Carnaval e a apresentação dos carros alegóricos. Para encerrar os dias dedicados a Momo, acontecia o último baile social.

O Clube Esportivo Paysandú, por sua vez, realizava na sextafeira o baile verde e branco. Neste evento, somente era permitida a entrada de pessoas vestidas com as cores do clube. Pagava-se a mesa, o que equivalia ao ingresso aberto para o público, enquanto que o baile da segunda-feira à noite era restrito aos associados, e na terça-feira gorda à tarde acontecia o baile infantil.

A cobertura dada pela imprensa local tecia comentários sobre os bailes e estimulava a participação da sociedade, como no caso abaixo, onde escreve:

[...] O Clube Esportivo Paysandu fará realizar em seus amplos salões, quatro dias de folia e alegria, que terão seu inicio sábado, dia 24 de fevereiro com um grandioso baile. Dia 25, tarde dançante, e Baile à noite; dia 26, segundafeira, tarde infantil carnavalesca para a petizada se divertir, com valiosos prêmios para as melhores fantasias e a noite baile para os adultos, terminando terça-feira com o baile de encerramento. Segundo informações prestadas pelo diretor social do clube, snr. Gerhard Gevaerd, serão confeccionados majestosos Carros Alegóricos, com motivos do cinqüentecentenário do alvi-verde e serão efetuados grandiosos desfiles pelas ruas da cidade [...]. 34

O dia seguinte, que correspondia à Quarta-Feira de Cinzas, era, na época, levado muito a sério pelos brusquenses. Desta forma, o último baile de carnaval tinha hora para acabar.

O DESFILE DOS CLUBES CARNAVALESCOS NAS RUAS DA CIDADE

As famílias brusquenses associadas aos clubes tinham por

³⁴ PETRUSKI, Op. Cit.

hábito sair às ruas da cidade de Brusque na terça-feira gorda para festejar o Reinado de Momo. Este costume vinha de longa data, pois fazia parte dos festejos carnavalescos e era estimulado pelos clubes organizadores, Clube Esportivo Paysandú e Clube Atlético Carlos Renaux.

Este evento atraía a população local que vinha assistir como forma de lazer e prestigiar o clube de sua simpatia. Os primeiros desfiles foram apresentados de forma muito simples. Os carros – automóveis - preparados de improviso, eram enfeitados minutos antes do desfile, com palmeiras, bambus e serpentinas.



Desfile de Rua no centro de Brusque - 1950.

Lembrando deste acontecimento, Marlene Petruski recorda ao visualizar uma imagem fotográfica que lhe é apresentada:

Os foliões juntavam-se na frente da oficina mecânica de seu avô. Ali era o ponto de encontro e onde eram enfeitados os carros. Os do Paysandú, vinham lá do outro lado, faziam embaixo da sede, num galpão. E eles vinham de lá, e nós de cá, e a gente se encontrava no centro da cidade, os dois blocos!³⁵

³⁵ ZENDRON, Op. Cit.

O costume dos clubes encontrarem-se no centro da cidade, não acontecia por acaso. Neste espaço concentrava-se o comércio, cinema e onde transcorriam todas as relações sociais dos brusquenses.

A população aglomerava-se na rua principal da cidade para ver os carros com seus foliões passarem. O fotógrafo Érico Zendron, ao comentar o interesse das pessoas que permaneciam trabalhando no comércio na terça-feira gorda, relata: "(...) por onde passava, as lojas fechavam suas portas para verem o carnaval passar..." (...)".36

O Clube Esportivo Carlos Renaux para compor os carros alegóricos, de acordo com Marlene Petruski, utilizava-se de muitas crianças por ser mais fácil de confeccionar suas fantasias para o desfile de rua. Os temas estavam voltados às histórias infantis, onde cada carro apresentava uma temática diferente.



Marlene Petruski - carro da rainha.

³⁶ GEVAERD, Op. Cit.

E conforme declara Gevaerd, "pulava quem queria!". E continua no seu comentário: "Vinha uma pequena ala da escola de samba na frente tocando, em seguida os carros alegóricos e, finalmente, os foliões se divertindo, jogando confetti, serpentina, com máscaras, balões... divertindo-se!".³⁷

Participavam do desfile da "terça-feira gorda", os premiados dos bailes das sociedades. Cabia à Rainha o fechamento do desfile. Marlene Petruski, no ano da sua realeza, foi conduzida por um carro que veio da cidade de Itajaí.

Durante os preparativos que antecediam ao desfile, havia o encontro dos associados do clube em suas sedes sociais. Entre as nominatas mais comuns do Clube Esportivo Paysandú apareciam as famílias Gevaerd, Appe,l e no Clube Atlético Carlos Renaux, os nomes Diegoli, Schaefer, Renaux, Bauer, Olinger, Bianchini, Schaefer.

Nesta ocasião, relembra Marlene:

No Carlos Renaux, todos se preparavam juntos... Tanto os blocos como os carros alegóricos, lá na oficina do meu avô, que ficava no prédio em frente a Milium, atrás do prédio. Ali era o encontro e eram feitos os carros... E de onde a gente saia pra rua. O Paysandú vinha lá do outro lado. Eles faziam embaixo da sede, que tinham um galpão... Assim, eles vinham de lá e nós de cá, e se encontravam no centro os dois clubes...!³⁸

Era igual ao que ocorria na capital do país, onde havia uma certa ordem no desfile das sociedades carnavalescas pelas ruas da cidade: "[...] que seguia por um trajeto definido, indo de um ponto de partida a um ponto de chegada preestabelecido".³⁹ No caso da cidade de Brusque, o trajeto percorrido nas ruas dava-se até o encontro dos dois clubes na praça central.

³⁷ PETRUSKI, Op. Cit.

³⁸ FERREIRA, 2004. Op. Cit., p. 160.

³⁹ Ibid, 2004. Op Cit., p.171.

Na animação, João Schöning comenta que a Escola de Samba "Manera a Voga", desfilava juntamente com os foliões do Clube Esportivo Paysandú.

De acordo com os entrevistados, para os clubes realizarem seu desfile pelas ruas da cidade, não era necessário uma autorização prévia de autoridades, mesmo porque o passeio ocorria de forma organizada. Diferentemente do que ocorria no Rio de Janeiro, onde havia patrulhamento das ruas durante o carnaval.

O senhor Julio Gevaerd, comenta a respeito do desfile:

Vinha uma pequena ala da escola de samba na frente tocando e os carros alegóricos, em seguida o pessoal se divertindo, jogando confetti, serpentina... Pra dar um clima de carnaval! Um pouco de máscaras, balões, o lançaperfume, que era permitido na época... Era bem legal!

Na construção e ornamentação dos carros alegóricos do Clube Esportivo Paysandú aparece a família Gevaerd. Muito atuantes no carnaval de sociedade e de rua, devido aos conhecimentos adquiridos com familiares residentes na capital do Estado, foram os responsáveis durante muitos anos pela ornamentação carnavalesca do clube. Sobre esta tradição, Júlio Gevaerd, relata:

[...] Os Gevaerd sempre esteve muito intrínseca nesta questão de artes. O carnaval de Florianópolis, por exemplo, os carros alegóricos daquela época, eles eram feitos pela família Gevaerd. [...]. No ano de 1960 quando Brusque completou 100 anos, quem veio fazer os carros alegóricos, organizar o desfile do centenário foi um parente meu de Florianópolis, que fazia os carros alegóricos da escola de samba 'Tenentes do Diabo' [...]. 66

Apesar de toda a preparação e mobilidade durante os dias de Momo, Brusque não chegou a imprimir folheto ou jornal dedicado exclusivamente ao carnaval, como ocorria em Blumenau. Naquela cidade, aproveitava-se o momento para fazer gozações ou até comentários que envolviam pessoas da sociedade, sem, no entanto, haver constrangimento

64

por parte dos atingidos. O que era impresso neste período em Brusque resumia-se a programas e convites para participar da festa.

O encantamento dos clubes brusquenses, promotores dos grandes bailes e desfiles, foi enfraquecendo na medida em que a sociedade que constituía a elite foi mudando seus hábitos e costumes de festejar o carnaval.

Melhorias na infra-estrutura, a proximidade com o litoral e o surgimento de outras sociedades que passaram a competir com o Paysandú e o Carlos Renaux, contribuíram para a mudança dos costumes, e o carnaval foi atingido por estas mudanças.

Apesar das tentativas de reabilitá-lo, também os bailes de salões e outras manifestações pertinentes à festa deixam de ser praticadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, constatou-se que na historiografia local esta temática ainda não foi contemplada com um estudo mais aprofundado. A cidade, por estar naquele momento preparando-se para celebrar o seu centenário de fundação, vinha sofrendo uma série de transformações estruturais que se refletiram nas ações da sociedade local.

Amadora do esporte, a sociedade brusquense fazia uso dos salões dos Clubes Paysandú e Carlos Renaux para realizar os seus bailes carnavalescos. Esperado com ansiedade pelos foliões, os participantes e formadores de blocos reuniam-se com antecedência para preparar suas apresentações na festa.

Frequentados por famílias tradicionais, associados e foliões convidados, os bailes representavam o local de encontro da elite. Para dar visibilidade e reafirmar os seus espaços, participavam dos blocos, carros

alegóricos e do desfile de rua na "terça feira gorda", promovido pelos tradicionais clubes da cidade.

Aqueles que não dispunham de recursos para participar do Clube Esportivo Paysandú ou do Clube Atlético Carlos Renaux, buscavam divertimento nas folias à moda popular. Todos, de alguma forma, procuravam divertir-se!

Constatou-se no desenvolvimento da pesquisa que a existência da rivalidade do campo esportivo entre os Clubes Paysandú e Carlos Renaux reapareceu nas comemorações carnavalescas da cidade, dividindo os foliões, estimulando a competitividade momesca. Porém, havia a participação das famílias nas festividades dos clubes rivais e o encontro das sociedades carnavalescas no centro da cidade ao final do desfile de rua.

Foi possível verificar a influência carioca no carnaval brusquense através das marchinhas executadas nos salões da cidade, que chegavam através do rádio e cadernos musicais, como também as decorações e fantasias, modelos que chegavam por meio de revistas trazidas da capital diretamente para a cidade de Brusque.

O declínio do carnaval brusquense foi decorrente do enfraquecimento das sociedades promotoras do evento, com o surgimento de outras sociedades que passaram a competir com o Clube Atlético Carlos Renaux e Clube Esportivo Paysandú.

Finalmente, o deslocamento de interesses das famílias tradicionais que adotaram outras formas de lazer, principalmente no litoral, e as classes operárias buscando, nas mais diversas sociedades que surgiram, outros lazeres que não se restringiam apenas ao carnaval, foram eventos que vieram contribuir para a mudança dos costumes, e a comemoração carnavalesca brusquense entrou em decadência.

Referências

FERREIRA, Felipe. O livro de ouro do carnaval brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 421 p.

GRACHER, Nayr; ADAMI, Luiz Saulo; ROSA, Tina. Gracher: uma empresa faz 100 anos. Itajaí: S&T, 2005.

PIAZZA, Walter F. Folclore de Brusque: estudo de uma comunidade. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960. 223p.

SAB. Sociedade Amigos de Brusque. As sociedades esportivas, recreativas, culturais, beneficentes, de classe e militares de Brusque. Livro do 1º Centenário de Brusque. Blumenau: Blumenauense S. A. 1960.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Vale do Itajai-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Movimento, 1974. 159 p.

Fontes

- O Progresso, 20 de fevereiro de 1931. Ano II, n. 40.
- O Município, fevereiro de 1955.
- O Município, 15 de fevereiro de 1958. Ano IV, n 164
- O Município, 21 de fevereiro de 1969. Ano XV, n. 675.
- O Município, 26 de janeiro de 1968.

Disponível em http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/pergunta_286824.shtml Acesso em 28/10/2008.

Entrevistas

BENVENUTTI, Arnoldo Darci. Depoimento: 01 de julho de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque. MP3 (29 min.).

GEVAERD, Julio Atanásio. Depoimento: 24 de abril de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Blumenau, CEMOP. MP3. (51 min.).

GRACHER, Nayr. Depoimento: 08 de setembro de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque. MP3 (42 min.).

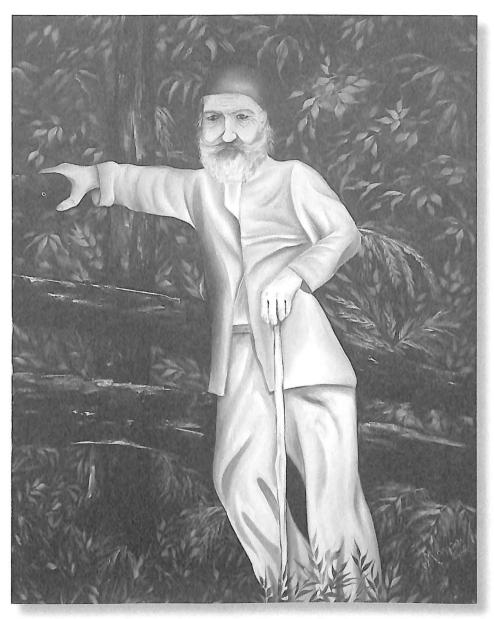
PETRUSKI, Marlene Schaefer. Depoimento: 21 de julho de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque, 2008. MP3 (50 min).

QUELUZ, Rui. Depoimento: 22 de julho de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque, 2008. MP3 (42 min.)

RENAUX, Maria Luiza. Depoimento: 19 de setembro de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque, 2008. MP3. (18 min).

SCHÖNING, João Celso. Depoimento: 8 de outubro de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque, 2008. MP3. (35 min.)

ZENDRON, Érico. Depoimento: 17 de setembro de 2008. Entrevistadora: Luciana Paza Tomasi. Brusque. MP3. (50 min.).



Inventário do material botânico coletado por **FRITZ MÜLLER** em instituições nacionais

INVENTÁRIO DO MATERIAL BOTÂNICO COLETADO POR FRITZ MÜLLER EM INSTITUIÇÕES NACIONAIS

Maria Lucia França Teixeira¹
Marcus Nascimento Santos²
Stefano Hagen³
Luiz Roberto Fontes⁴

INTRODUÇÃO

Em artigo recente⁵, analisamos a formação botânica de Fritz Müller, em princípio relacionada ao campo farmacêutico e muito por influência de familiares maternos de relevo nessa área da ciência. Do total de 248 publicações científicas, o naturalista produziu 96 artigos de cunho botânico, dos quais apenas um foi publicado em periódico nacional:

1877. A correlação das flores versicolores e dos insetos pronubos. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, *2*: 19-23. [p. 547-550]

¹ Engenheira Agrônoma. Laboratório de Fitossanidade, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Jardim Botânico,1008, 22460-000, RJ – BRASIL. E-mail: malu@jbrj.gov.br

² Biólogo. Laboratório de Fitossanidade. E-mail: msantos@jbrj.gov.br

³ Biólogo e Médico Veterinário. Departamento de Cirurgia, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/USP, Av. Prof. Orlando Marques de Paiva, 87, 05508-000 São Paulo, SP – BRASIL – tel. 11 3091-1428. E-mail: hagen@usp.br

⁴ Entomólogo especializado em cupins. Biólogo, médico ginecologista e legista. Rua Loefgren, 1543, apto. 104, 04040-032 São Paulo, SP – BRASIL. E-mail: lrfontes@uol. com.br

⁵ Teixeira, M. L. F.; Santos, M. N.; Hagen, S. & Fontes, L. R., 2009. Contribuições botânicas de Fritz Müller às instituições de pesquisa científica do Rio de Janeiro. *Blumenau em Cadernos 50 (3)*: 48-80.

O material botânico enviado por Fritz Müller a seus correspondentes estrangeiros e preservado em museus europeus aparentemente não foi inventariado, exceto o dos Jardins Botânicos Reais, localizado em Kew, Inglaterra, com 483 espécimes enviados de 1867 a 1869 para identificação a Joseph Dalton Hooker^{6, 7, 8}.

MATERIAL BOTÂNICO EM INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

Foram localizadas 158 amostras botânicas, em duas instituições de pesquisa cientítica do Rio de Janeiro: Jardim Botânico e Museu Nacional.

Eventualmente surgirão outras amostras, oriundas de herbários antigos que foram incorporados a coleções institucionais. Até o momento, em outros herbários nacionais mais antigos nada localizamos, eventualmente por dificuldade no levantamento devido à falta de catalogação sistematizada das amostras, por coletor.

Julgamos útil aos botânicos apresentar a relação completa das duas coleções, sendo 152 amostras no Museu Nacional (Tabela 1) e 6 no Jardim Botânico (Tabela 2).

⁶ West, D. A., 2003. Fritz Müller. A naturalist in Brazil. Pocahontas Press, 376 pp. [p. 159, 317]

⁷ Herbarium plant list, Royal Botanic Gardens, Kew, 10: 73-78, 80-81, 83-84.

Joseph Dalton Hooker (1817-1911), formado em Medicina na Universidade de Glasgow, Escócia, logo dedicou-se à botânica, estudando plantas atuais e fossilizadas. Foi o mais importante botânico inglês do século XIX, ocupando o cargo de diretor dos Jardins Botânicos Reais, em Kew, durante 20 anos (1865-1885). Foi ativo na defesa de Charles Darwin e sua teoria da evolução das espécies pelo mecanismo da seleção natural do mais apto na luta pela vida.

Tabela 1. Material coletado por Fritz Müller. Herbário do Museu Nacional. Informações das fichas (parte 1)

Família	Nome científico	Nº de registro	Data	Local de coleta	Identificado por	Obs.
Acanthaceae	Aphelandra lutea Nees	45.014		Santa Catarina	Duarte 1946	
	<i>Mendoncia velloziana</i> Mart.	44.898		Itajahy, SC		
	Ruellia longifolia (Pohl) Griseb.	45.236		Itajaí, SC		
Alismataceae	Echinodorus tenellus Buchenau	79	12/1876	Campo dos Curitibanos, SC, no banhado	Diogo 1914	Exemp. 1
Amaranthaceae	Chamissoa	56.916		Itajahy, SC		Etiqueta original em coleção de autógrafos de botânicos
	Telanthera	56.956		Itajahy, SC		
Alstroemeriaceae	Alstroemeria	50.346		Serra Geral, V. dos Curitibanos, SC, na restinga úmida		
	Alstroemeria	50.347	11/1876	Campo do Justo, ao sul do Rio das Marombas, SC		
Annonaceae	Guatteria hookeri A. St Hil. & Juss.	60.963		Itajaí, SC		
	<i>Rollinia longifolia</i> A. St Hil.	60.658		Desterro, Ilha de Santa Catarina, SC		
Apiaceae	Eryngium sanguisorba Cham. & Schltdl.	86.465	11- 12/1876	Campos dos Curitibanos e Campo dos Barroncos, SC	Mathias & Constance 1958-1960	
Apocynaceae	Aspidosperma olivaceum Müll. Arg.	23.929		Itajaí, SC	Woodson 1954	Rev. Oswaldo Handro en 07/1961, Inst. Bot. SP
Aristolochiaceae	Aristolochia brasiliensis var. macrophylla Duch.	34.477		Santa Catarina	Hoehne	
	Aristolochia triangularis Cham.	13.906		Itajaí, SC	Hoehne	Cipó mil homens
Asclepiadaceae	Oxypetalum banksii Schult.	4.994		Itajahy, SC	Hoehne	
	Oxypetalum erectum subsp. campestre Hoehne	5.054	1876	Campos dos Curitibanos, SC	Hoehne	
	Oxypetalum proboscideum E. Fourn.	4.989	03/1877	Campos dos Curitibanos, SC	Hoehne	
	Oxypetalum umbellatum Gardn.	5.047		Itajahy, SC	Hoehne 1915	

Tabela 1 (parte 2)

Família	Nome clentifico	Nº de registro	Data	Local de coleta	Identificado por	Obs.
Asteraceae	Mikania acrensis B. L. Rob.	38.293	,	Itajaí, SC	G. M. Barroso 1958	
	<i>Mikania ternata</i> (Vell.) B. L. Rob.	38.276		Santa Catarina	G. M. Barroso 1958	
Begoniaceae	Begonia echinosepala Regel	37.051	1874	Serra do Mar, SC	Brade 1943	-
	<i>Begonia fritz-muelleri</i> Brade	37.054	••••••	Itajahy, SC	Brade 1943	
Berberidaceae	Berberis laurina Thunb.	60.531	11/1876	Serra de Itajaí, SC, faxinals e restinga a oeste da Serra de Itajaí		fruta de São João, comestívei
	Berberis	60.532	11/1876	Rio Claro, afluente do Maranhão, SC		fruta de São João
Brassicaceae	Cardamine africana L.	61.732		Serra do Itajaí, Rio Taipo, SC, cabeceiras do rio		
	Nasturtium pumilum Cambess.	61.701	11/1876	Nas margens dos afluentes do Rio Maromba, SC, lugares úmidos		
	Cassia chamaecrista L.	65.555		Santa Catarina		
Caesalpiniaceae	Cassia ferrea L. (1)	65.910		Santa Catarina		
	Cassia neglecta Vogel var. acuminata Benth.	65.521		Santa Catarina	Hoehne	
	Cassia	65.900	12/1876	Ao norte da Vila Curitibanos, SC, nas margens de arroio		
Chrysobalanaceae	Hirtella hebeclada Moric.	7.153		Itajaí, SC		
Clusiaceae	Hypericum connatum Lam.	79.211	1876	Campos dos Curitibanos, SC, colunas secas, em campos		vulgo "copinho", mastiga- se as folhas contra dores de dentes
	Hypericum (2)	79.186	1876	Campos do Sul, Rio Marombas, SC, sobre pedras de Grés		
	Hypericum (3)	79.215	1876	Campos dos Curitibanos, SC, em campos		
Commelinaceae	Ephemerum	81.092	6-7/1882	Itajaí, Blumenau, SC		
Convolvulaceae	Cuscuta odorata var. botryoides Eng. (4)	40.254		Itajaí, SC		Vulgo cipó de chumbo. Único.
	Ipomoea sp. (5)	40.298		Itajaí, SC		

Tabela 1 (parte 3)

Família	Nome clentifico	Nº de registro	Data	Local de coleta	ldentificado por	Obs.
		40.399	1874	Campos de Palmeira, PR		
Convolvulaceae		40.400	12/1876	Campo dos Curitibanos, SC		
Convolvulaceae		40.401	12/1876	Campo dos Curitibanos, SC		
		40.402	••••••	Município São José (Estreito)		
	Carex pseudocyperus L. var. polysticha Kük.	15.449	11/1876	Santa Catarina	R. Gross	
	Carex sellowiana Schitdl. (6)	15.448	11/1876	Ao sul do Rio das Marombas, SC, faxinal	R. Gross	
	Carex	43.140	••••••	Itajaí, SC, margens de rio		
	Cyperus ferax Rich.	4.533	•••••	Santa Catarina , banhado		
	Cyperus prolixus Kunth.	4.529		Itajaí, SC		
Cyperaceae	Cyperus surinamensis Rottb.	4.490		Itajaí, SC		
	Eleocharis flaccida Urb. var. humilis (Boeckeler) Kük.	17.985		Itajaí, SC, lugares inundados	R. Gross	
	Eleocharis grandis Boeckeler	4.538	03/1877	Campos dos Curitibanos, SC, nos banhados	Brade	
	Fimbristylls annua var. diphylla Kük.	15.413		Santa Catarina	R. Gross	
Dicranaceae	Dicranum	80.549	07/1882	Blumenau, Itajal, SC, troncos podres, mata virgem		
Escalloniaceae	Escallonia vaccinoides A. StHil.	30.551	1876	Santa Catarina , campos		
	Acalypha brasiliensis Müll. Arg. var. cordata Müll. Arg.	23.286		Itajahy, SC	Brade	
Euphorbiaceae	<i>Acalypha communis</i> Mūll. Arg.	23.274	12/1876	Campos dos Curitibanos, SC		
	<i>Dalechampia ficifolia</i> Lam.	23.236		Itajahy, SC	R. Gross R. Gross Brade R. Gross Brade Rudd 1953	
Fabaceae	Adesmia muricata (Jacq.) DC.	65.323	1876	Campos dos Curitibanos, SC	Rudd 1953	
Tapaceae	Aeschynomene falcata (Poir) DC.	65.321		Santa Catarina	Rudd 1953	

Tabela 1 (parte 4)

Família	Nome clentifico	Nº de registro	Data	Local de coleta	Identificado por	Obs.
	Aeschynomene falcata (Poir.) DC.	68.902	03/1877	Campo dos Curitibanos, SC	Rudd 1953	
	Crotalaria L.	66.129		Blumenau, SC		
	Crotalaria L.	66.152	11/1876	Campos dos Curitibanos, SC		
	Dalbergia ecastaphyllum L.	2.952		Praia de Fora, Desterro, Ilha de Santa Catarina, SC		
Fahaaaa	Dalbergia ecastaphyllum L.	101.526		Campo dos Curitibanos, SC Rudd 1953 Blumenau, SC Campos dos Curitibanos, SC Praia de Fora, Desterro, Ilha de Santa Catarina, SC Praia de Fora, Desterro, Ilha de Santa Catarina, SC Itajahy, SC Campos dos Curitibanos, SC Campos dos Curitibanos, SC Campo dos Curitibanos, SC Carta dos Macacos, Itajaí, Blumenau, SC Gruta dos Macacos, Itajaí, Blumenau, SC Arroios afluentes do Rio das Marombas, SC Santa Catarina Diogo Campo dos Curitibanos, SC, no banhado Campos dos Curitibanos, SC, faxinais Santa Catarina Itajaí, SC Santa Catarina Itajaí, SC Itajaíhy, SC Campos dos Curitibanos, SC	******************************	
Fabaceae	Dalbergia variabilis Vogel	2.947		Itajahy, SC		
	Galactia stenophylla Hook. & Arn.	65.236	12/1876	Campos dos Curitibanos, SC		
	Galactia stenophylla Hook & Arn.	65.271	03/1877		·····	
	Lupinus L.	66.229	12/1876	Campos dos Curitibanos, SC	***************************************	
	Phaseolus L.	67.133	03/1877	Campo dos Curitibanos, SC		
	Zomia J. F. Gmel.	65.361	03/1877	Campo dos Curitibanos, SC		
	Fissidens exills Hedw.	80.209	04/1896			Herbário Rosenstock, 93
Fissidentaceae	Fissidens	80.242	08/1882	Blumenau, SC		
	Fissidens	80.243	09/1882	Blumenau, SC		
Haloragaceae	Myriophyllum L.	14.702	11/1876			pétala glabra, estames 8
Hydrophyllaceae	Hydrolea spinosa var. megapotamica Brand	34.518			Diogo	·
Iridaceae	Calydorea Herb.	51.247	12/1876	banhado		
Lamiaceae	Hyptis Jacq.	36.867	03/1877	faxinais		
Lauraceae	Ocotea lanata Mez	61.242		Santa Catarina		
	Ocotea laxa Mez	61.223		Itajaí, SC		
	Mimosa L.	64.503	•••••	Santa Catarina	•••••	
	Sesbania punicea Benth.	64.299		Itajaí, SC	*************	
Leguminosae	Zollemia ilicifolia Vogel	2.567		Itajahy, SC		
Loguimiosao		65.222	11/1876	Campos dos Curitibanos, SC		
		65.712	12/1876	Campos dos Curitibanos, SC		
		67.293	12/1876	Campos dos Curitibanos, SC		

Maria Lucia França Teixeira / Marcus Nascimento Santos / Stefano Hagen / Luiz Roberto Fontes

75

Tabela 1 (parte 5)

Família	amília Nome científico Nº de Data Local de coleta registro		Identificado por	Obs.		
Leguminosae		67.907	03/1877	Campo dos Curitibanos, SC		
	Utricularia globulariaefolia	3.674	1876	Santa Catarina	Kuhlm.	
Lentibulariaceae	<i>Utricularia longirostris</i> Le Conte	3.577		Itajahy, SC		
	Utricularia lundii A.DC.	3.666	1876	Campo dos Curitibanos, SC, lugares úmidos	Kuhlm.	
		3.675	1876	Campo dos Curitibanos, SC, banhados	por Kuhlm.	
Loganiaceae	Budleia	96.042	11/1876	Campos a oeste da Serra de Itajaí, no caminho aos Curitibanos		
	Strychnos trinervis (Vell.) Mart.	41.617		Itajahy, SC	Kuhlm. Kuhlm. Monach. & Krukoff 1945 Brade Nied. 1929 H. Velioso 1942 E. B. Bartram	Cipó guiné
Lomariopsidaceae	Elaphoglossum latifolium (Sw.) J. Sm.	720		Santa Catarina	Brade	
Loranthaceae	Phrygilanthus eugenioides Eichler	57.295		Santa Catarina		
	Phrygilanthus eugenioldes Eichler	57.299	03/1877	Campo dos Curitibanos, SC - capoeira no "Lageado vaso"		arbusto trepador, flores brancas
Malvaceae	Urena jacquini	39.427		Itajaí, SC		
	Heteropterys dusenii Nied.	19.755		Campo dos Curitibanos, SC	Nied. 1929	-
Malpighiaceae	Janusia guaranitica var. vulgaris Nied.	20.850	12/1876	Campos dos Curitibanos, SC, campos na mata		
wapgnaceae	Stigmaphyllon megarcarpum Griseb.	34.639		Itajaí, SC	H. Velioso 1942	
	Tetrapterys guilleminiana f. typica Nied.	34.576		Ilha de Santa Catarina, SC		
Mimosaceae	Desmanthus virgatus Willd.	3.544	03/1877	Rio das Pedras, Campo dos Curitibanos, SC		
Monimiaceae	Siparuna Aubl.	61.034		Itajahy, SC		
Moraceae	Dorstenia nervosa Desv.	39.179		Itajal, Provincia de SC		
IVIUI aceae	Sorocea hilariana Bureau	39.195		Itajaí, SC		
Myristicaceae	Virola bicuhyba Warb.	61.015		Itajaí, SC		
Veckeraceae	Neckeropsis undulata (Hedw.) Reichardt	14.170	06/1882	Blumenau, Itajaí, SC		
		82.118	08/1882	Blumenu, Itajahy, SC		

Tabela 1 (parte 6)

Família	Nome clentífico	Nº de registro	Data	Local de coleta	ldentificado por	Obs.
Oenotheraceae	Oenothera indecora Cambess.	41.761		Itajaí, SC	Munz	
Oxalidaceae	Oxalis cytisoides Zucc.	70.385		Itajaí, SC	Lourteig 1956	
Phytolaccaceae	Petiveria alliacea L.	41.061	07/1876	Barra do Rio Trombudo, Rio Itajaí, SC	Diogo 1915	
<u>.</u>	Peperomia pseudoestrellensis C. DC.	38.933		Itajaí, SC	Yunck. 1961	
Piperaceae	Piper arboreum var. falcifolium (Trel.) Yunck.	38.784		Itajal, SC	por Munz Lourteig 1956 Diogo 1915	
(Piper L.	38.837		Itajaí, SC		
	Pothomorphe umbellata (L.) Miq.	38.797		Itajaí, SC	Yunck. 1959	Periparoba
	Andropogon bicornis L.	36.184		Santa Catarina		
	Andropogon condensatus Kunth	4.291	registro Data Local de coleta por 41.761 Itajaí, SC Munz 70.385 Itajaí, SC Lourteig 19 41.061 07/1876 Barra do Rio Trombudo, Rio Itajaí, SC Diogo 1915 38.933 Itajaí, SC Yunck. 195 38.837 Itajaí, SC Yunck. 195 38.797 Itajaí, SC Yunck. 195 36.184 Santa Catarina 4.291 03/1877 Campos dos Curitibanos, SC Kuhlm. 16.173 12/1876 Campos dos Curitibanos, SC, nos banhados Hitchc. Hitchc. 16.027 03/1877 Campos dos Curitibanos, SC Hitchc. 36.197 03/1877 Campos dos Curitibanos, SC Hitchc. 36.192 03/1877 Campos dos Curitibanos, SC, lugares úmidos Campos dos Curitibanos, SC, nos banhados 36.139 03/1877 Campos dos Curitibanos, SC, nos banhados Campos dos Curitibanos, SC, nos banhados 36.151 Santa Catarina Santa Catarina 46.382 03/1877 Campos dos Curitibanos, SC, nas margens do rio e seus afluentes	Kuhlm.	02 exemplares	
	Andropogon lateralis var. incanus Henrard	16.173	12/1876		Hitchc.	01 dupl.
	Andropogon leucostachyus Kunth	16.027	03/1877	•	Hitchc.	
incanus Henrard 16.173 121676 nos banhados Andropogon 16.027 03/1877 Campos dos Curitibanos, SC Andropogon macrothrix 16.026 11/1876 Campo do Justo, ao sul do Rio das Marombas, SC	Hitche.					
Poaceae	Andropogon minarum Kunth	36.197	03/1877		Munz Lourteig 1956 Diogo 1915 Yunck. 1961 Yunck. 1959 Yunck. 1959 Kuhlm. Hitchc. Hitchc.	
	Andropogon nutans L. var. subnuticus Hack.	36.192	03/1877	lugares úmidos		02 exemplares
	Andropogon spathiflorus Kunth	4.298	03/1877	lugares úmidos		
	Andropogon	36.133	12/1876			
	Andropogon	36.139	03/1877	Campos dos Curitibanos, SC		
	Andropogon	36.151		Santa Catarina		
	Eragrostis	46.382	03/1877	Campos dos Curitibanos, SC		
Podocarpaceae	Podocarpus lambertii Klotzsch	36.085	12/1876			Pinheiro bravo
Polypodiaceae	Polypodium hirsutissimum Raddi	111.550			de la Sota 1963	Det. antes como P. lepidopteris Kze.
Primulaceae	Anagallis tenella L.	32.357	12/1876	Santa Catarina , banhados		

Maria Lucia França Teixeira / Marcus Nascimento Santos / Stefano Hagen / Luiz Roberto Fontes

Tabela 1 (parte 7)

Família	Nome científico	Nº de registro	Data	Local de coleta	ldentificado por	Obs.
	Anemone decapetala Ard.	21.364	12/1876	Campo dos Curitibanos, SC – em campos	? confirmado por Lourteig 1953	Na revisão de 1953 confirmou e alterou o nome do autor
	Clematis campestris A. StHil.	60.074	03/1877	Campo dos Curitibanos, SC	nos, SC — ? confirmado por Lourteig 1953 nos, SC ? confirmado por Lourteig 1953 Fritz Müller? Confirmado por Lourteig 1953 Lourteig 1953 Lourteig 1953 Lourteig 1953 af (braço o Rio rio regens do rio anos, SC anos, SC, quenos SC, na beira 6, SC Emygdio H. Veloso 1941	
Ranunculaceae	Clematis dioica var. australis Elchler	60.086		Itajaí, SC	Confirmado por	
	Clematis dioica var. brasiliana (D.C.) Eichler	60.073		Itajaí, SC	Lourteig 1953	
	Clematis dioica var. brasiliana (D.C.) Eichler	60.075		Itajaí, SC	Lourteig 1953	
	Ranunculus flagelliformis Sm.	60.173	10- 11/1876	Margens do Rio Itajaí (braço oeste) e afluentes do Rio Marombas, SC, margens do rio		
Rosaceae	Acaena eupatoria Schitdi.	36.007	12/1876	Campos dos Curitibanos, SC		Carrapicho
	Geum L.	35.943	07/1876	Campos dos Curitibanos, SC, nas margens de pequenos arroios à sombra		
Salicaceae	Salix humboldtiana Willd.	38.763		nas margens de pequenos arroios à sombra Itajaí, Província de SC, na beira de rio		
Tiliaceae	Prockia crucis L.	is L. 79.993 Santa Catari		Santa Catarina		
i iliaceae	Prockla crucis L.	79.994	12/1896	Margens do Rio Taló, SC	***************************************	
Turneraceae	Piriqueta selloi Urb. var. taubatensis Urb.	37.590	12/1876	Santa Catarina	Emygdio	Foi rev. por C. Moura er X/1961
Ulmaceae	Trema micrantha (L.) Blume	39.102		Itajaí, SC	H. Veloso 1941	Grandiuva
	Trema Lour.	39.116		Itajaí, SC		
	Phenax vulgaris Wedd.	39.436		Itajaí, SC		
Urticaceae	<i>Pilea</i> Lindl.	39.397	11/1876	Ao sul do Rio Marombas, SC, faxinais	Por ? confirmado por Lourteig 1953 ? confirmado por Lourteig 1953 Fritz Müller? Confirmado por Lourteig 1953 Lourteig 1953 ? confirmado por Lourteig 1953 ? confirmado por Lourteig 1953 ? confirmado por Lourteig 1953 Moldenke 1955 Moldenke 1955	
	Verbena incisa Hook	46.534	12/1876	Campo dos Curitibanos, SC	Moldenke 1955	•
Verbenaceae	Verbena montevidensis Spreng.	31.564	1876	Santa Catarina	Moldenke 1955	
	Verbena montevidensis Spreng.	46.535		Santa Catarina	Moldenke 1955	

Tabela 1 (parte 8)

Família	Nome clentífico	Nº de registro	Data	Local de coleta	ldentificado por	Obs.
	Anchietea salutaris var. martiana Eichler	79.744		Ilha de Santa Catarina, SC		
	Anchietea A. StHil.	79.739		Belxior, Itajaí, SC, capoeira		
	<i>Hybanthus parviflorus</i> Baill.	79.797	1876	Rio Claro, afluente do Marombas, SC, faxinal	Paula-Souza 1998	
Violaceae	Viola cerasifolia A. StHil	79.756	12/1876	Entre os Rios Taió e Curitiba, SC, lugares úmidos, mata virgem, serra		
		79.774	1876	Campos dos Buracos, margem do Rio Marombas, SC, em campos		
Winteraceae	Drimys winteri Forst.	60.558	11/1876	Santa Catarina, faxinaes e restingas nos vários afluentes do Rio Marombas		casca d'anta ou cataia, medicinal

Maria Lucia França Teixeira / Marcus Nascimento Santos / Stefano Hagerı / Luiz Roberto Fontes

- (1) Não localizamos espécie com esse nome. Existem Caesalpinia ferrea Mart. e Cassia ferraria Symon.
- (2) Na etiqueta consta: Hypericum catharinense Dus. n. sp., porém esse nome não existe.
- (3) Na etiqueta consta: Hypericum muelleri Dus. n. sp. ou Hypericum mueller Dus., porém esses nomes não existem.
- (4) Na etiqueta consta: Cuscuta botryoides Eng.
- (5) Na etiqueta consta: Ipomoea suberinlata R. & S., porém esse nome não existe.
- (6) Na etiqueta consta: Carex sellowiana Schltdl. var. augustifolia Boeckeler.

Tabela 2. Material coletado por Fritz Müller. Herbário do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Informações obtidas das exsicatas.

Família	Nome científico	N° de registro	Local de coleta	Identificado por	Obs.
Apocynaceae	Aspidosperma tomentosum Mart.	61.212	Santa Catarina	W. Marcondes Ferreira	Ex-MNRJ
Haloragaceae	Myriophyllum aquaticum (Velloso) Verc.	182.681	Itajahy, SC	Orchard 1978	Ex-Herbário Schwacke
Orchidaceae	Campylocentrum ornithorrhynchum Rolfe	39.951	Blumenau, SC	Brade 1939	Ex-Herbário Damasio
Podostemaceae	Podostemum muelleri Warm.	43.043	Rio Itajahy, SC	A. Noveto R. & C. T. Philibrick 2004	Ex-Herbário Damasio
Ranunculaceae	Ranunculus flagelliformes Sm.	182.838	Itajahy, SC		Ex-Herbário Schwacke
Rubiaceae	Palicourea australis C. M. Taylor	40.162	Santa Catarina	C. M. Taylor 2000	Ex-Herbário Damasio
Calanasas	Solanum micans Witasek	302.935	Brasil	Bitter	Foto (typus)
Solanaceae	Solanum muelleri Bitter	302.940	Brasil	Bitter	Foto (typus)

AGRADECIMENTOS

À bióloga Dra. Rafaela C. Forzza, curadora do Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e a Eugênia de Faria e Luiz Carlos Vieira, funcionários do Herbário do Museu Nacional, cujo auxílio foi imprescindível na localização e documentação das amostras coletadas por Fritz Müller em suas respectivas instituições. Aos curadores dos herbários consultados acerca da presença de amostras coletadas por Fritz Müller.

LEGENDA DA FIGURA

PÁGINA DE ROSTO: Tela a óleo de Fritz Müller, baseada em fotografia de 1891; altura 80 cm; largura 60 cm. Artista plástica Maryan Saleh, 2008, São Paulo-SP. Acervo de L. R. Fontes.

O meu **TREM INESQUECÍVEL**



O MEU TREM INESQUECÍVEL

Mariana Klueger¹

Trem. Palavra tão pouco usada nos dias atuais. Ouve-se, é claro, falar do Trem Bala, Trem Azul, Expresso do Oriente (imortalizado por Ágatha Christie), mas quase ninguém se lembra do nosso velho trem, aqui mesmo, em Santa Catarina, aquele que ia de Blumenau a Rio do Sul, Trombudo Central, passando pelas mais diversas estações, de lugares que me levam a viajar na saudade da minha infância.

Você quer viajar comigo?

Vamos lá:

Nos anos 50, quando os táxis eram coisa rara, e os carro-demola faziam todas as "corridas", com seus cavalos lustrosos e bem tratados e seus condutores com cara de gente tratada a aipim frito com toucinho, o trem da extinta e porque não dizer saudosa Rede Ferroviária fazia um longo trajeto todos os dias, indo e voltando, levando e trazendo gente, frutas, galinhas, e às vezes até gado em seus vagões, coisa que me deixava doidinha. Eu gostava de ver a chegada do trem, apreciar a maneira das pessoas vindas de outros lugares, com roupas e sotaques diferentes. Era bom!

Eu tinha meus cinco anos, mas me lembro bem. Meus avós, uma tia e muitos primos moravam em Lontras, e era para lá que meus pais iam nos finais de semana, me levando a reboque, menina ainda, cheia de firulas, querendo aproveitar cada momento daquela viagem, que começava na estação, onde hoje em dia fica a atual Prefeitura de Blumenau. Tinha

¹ Este texto foi escrito pela colaborada da revista Blumenau em Cadernos em 30.junho de 2001.

um bar e restaurante pequeno de propriedade dos Jannings, e era lá que eu fazia a primeira parada, para comprar Chicletes Adams. Adorava aquelas caixinhas coloridas e aquele sabor de tuti-fruti. Assim que embarcávamos, sempre na primeira classe e sentada de frente, pois a boneca aqui enjoava se sentasse de outra forma, ficava aguardando a partida. As poltronas eram de couro negro, e na segunda classe os bancos eram de madeira. Uma vez viajei ali, e cheguei moída. Enquanto ela não acontecia ficava ansiosa esperando a chegada do ceguinho. Explico: o ceguinho era um senhor (cego, obviamente) que vendia cocadas, livrinhos de trova, e outros badulaques, e eu sempre acabava ganhando uma cocada depois de chatear meu pai até ele comprar. Minha mãe às vezes comprava um pequeno livro que me dizia ser um "Almanaque", mas eu não me interessava muito por aquilo. Minha mãe sempre ia bem vestida e cheirosa, e até me lembro da colônia que ela usava Royal Briar.

Meu pai caprichava, sapatos bem engraxados, calça e camisa bem passadas e eu com minhas enormes tranças, sapatos e meia soquete, magrela e sardenta, completava o trio. Todos a postos, o trem apitava e começava a longa viagem. E era longa, pois aos sábados saíamos logo após o almoço e só chegávamos em Lontras à noite. E lá ia eu, cantando sempre a mesma musiquinha que aprendi com meus primos "lá de cima", como dizíamos dos que moravam em Lontras.

Era assim: café com pão, manteiga não, café com pão, manteiga não, lingüiça! (para imitar o apito). Acho que meus pais ficavam envergonhados da minha saliência, mas que fazer?

Não lembro exatamente da ordem das estações, mas era mais ou menos assim: Salto Weissbach, Warnow, Encano, Indaial, Rodeio, Ascurra, Apiúna, Ibirama, Subida, Riachuelo e, finalmente, Lontras. Atrás da estação de Warnow existia uma coisa que me chamava a atenção, uma casa onde as mulheres ficavam nas janelas, fazendo sinais para as pessoas.

Curiosamente insistia em saber o que era aquilo e quem eram elas, e meu pai, para me ver calada, disse-me um dia que ali era a "casa das primas". Coitado, fiz com que passasse uma vergonheira na viagem seguinte. Foi o trem parar e eu falar bem alto para demonstrar meus conhecimentos: "Pai, olha lá a casa das primas!"

Tadinho ficou sem graça, me fez olhar para o rio, o nosso Itajaí- Açu, naqueles tempos não poluído, e onde ele sempre pescava, mas eu continuei irredutível: " Pai, olha a casa das primas!" Acho que o trem demorou muito para deixar a estação naquele dia, para ele, é claro!

E a viagem continuava, naquele balanço que fazia com que as pessoas dormissem, enjoassem e se cansassem. Mas, era gostoso, a gente andava pelos corredores, conversava, espiava pela janela, via montes de mato, casas ao longe e outras bem pertinho da estrada de ferro, o que me fazia uma bruta confusão, pois eu sempre achava que o trem ia cair em cima delas. Mesmo assim eu deixava minha imaginação voar e nem sentia o cansaço da viagem.

Ah!, mas tinha o túnel, e eu delirava quando chegava a hora de passar por ele (ou seriam eles?).

As pessoas fechavam as janelas, pois a Maria Fumaça largava suas centelhas dentro do túnel, e se uma janela estivesse aberta alguém saía com a roupa queimada. Era o horror dos passageiros, mas para mim era motivo de farra. Ficava vidrada vendo aquelas fagulhas vermelhas passando pela janela, zim... zim... zimm.

Túnel passado, mais estações, mais demora e eu ficava ardendo de vontade de chegar à estação de Subida. Lá o trem parava mais tempo e todos podiam descer, tomar café, laranjinha (minha favorita) e comer uma cuca maravilhosa. Eram formas imensas de cucas de farofa, carambola, abacaxi, maçã. Uma delícia!

Minha mãe aproveitava para me levar ao banheiro, mas eu ia

a contragosto, pois o que eu queria mesmo era fazer xixi no banheiro do vagão. Eram banheiros com uma louça sanitária branca encardida, mas era gostoso fazer xixi olhando os trilhos passando por baixo. Ficava tontinha pela rapidez, mas dava tudo por aquele momento.

Mas, o que mais me impressionava era a maçaneta da porta do banheiro, enorme, pesada e trabalhada. Era linda! Às vezes eu nem queria nada, mas inventava, só para ver a maçaneta, especialmente quando estava no "trono" e alguma pessoa queria entrar e mexia a maçaneta. Era o meu encanto vê-la rodar. O trem também parava para pegar mais lenha, e a gente não podia descer então, eu me pendurava na janela para ver o movimento do foguista botando mais lenha e mais água na caldeira, o que fazia com que o trem se movesse.

Não posso me esquecer do guarda freios, aquele homenzinho que cuidava dos trilhos, do fiscal de trem, que entrava quando a gente menos esperava e pedia para ver o bilhete de embarque. Dava uma picotada e ia embora, e eu ficava de olhos arregalados pela sua autoridade e pelo seu uniforme. Usava calças azuis e camisa branca com uma divisa no ombro. Era o máximo!

Às vezes meu pai me levava até o final do vagão, abria a porta devagarzinho e eu podia sentir o vento no meu rosto, e quando ele decidia passar para o outro vagão eu simplesmente agarrava bem a mão dele e pulava junto. Entrávamos no outro vagão e eu me sentia uma aventureira, especialmente porque era proibido.

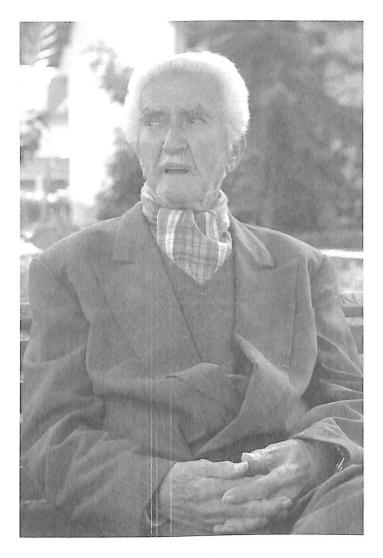
Quando começava a escurecer, chegávamos à estação do Riachuelo, aí eu já sabia que estávamos pertinho de Lontras, e começava a ficar impaciente. Parecia que nunca mais ia chegar.

Finalmente chegávamos, aí era só alegria. Meu avô nos esperava com sua carroça enorme, puxada por dois cavalos. Beijos e abraços em seus bigodes ruivos, aquele cheirinho de cigarro de palha, sentava-me com ele, na frente, fazia sempre um enorme alarido, queria contar tudo, pedia para ele parar na venda do Schroeder, para comprar lingüiça e só então íamos para casa, onde minha avó nos esperava com aquele maravilhoso aipim frito com toucinho, chá mate fumegante, um belo banho e a cama mais gostosa do mundo, com aquelas cobertas de pena, inesquecíveis.

Era ali o repouso da menina que ainda sentia a magia do trem e sonhava cantando, café com pão, manteiga não... linguiça!



Interior do vagão de passageiros de 2ª classe - EFSC. Acervo AHJFS.



Entrevista **CARLOS DE FREITAS**

ENTREVISTA - CARLOS DE FREITAS1

O jornalista Carlos de Freitas chegou a Blumenau no final de dezembro de 1972, contratado para formar a redação e lançar o antigo jornal da Cidade de Blumenau, pelo moderno processo of-set. Deveria ficar pouco mais de um ano, mas ficou 28 anos. Antes, trabalhou 23 anos na imprensa paulista, nos grandes jornais e na revista O Cruzeiro. Nas Folhas (Folha da Manhã, que hoje é a Folha de São Paulo, Folha da Tarde e Folha da Noite) permaneceu quase 10 anos. Nessa fase conheceu quase todo o Brasil, fazendo reportagens em companhia de um fotógrafo.

Freitas é natural da cidade gaúcha de Rosário do Sul, onde viveu até a adolescência, na faixa da fronteira com o Uruguai. Nos longos anos de imprensa (52 anos de jornal em 2000) escreveu livros de poemas, críticas literárias, artigos, editoriais.

Em 52 anos de jornal, começou a descambar para a literatura em Blumenau, onde foi presidente do Conselho Editorial da Fundação Cultural de Blumenau. Em 2000, a Editora em Movimento, da FCB, publicou seu último livro de poemas "Nave para o Fim do Tempo", onde registrou, de maneira original, o nome das pessoas gratas que encontrou nos meios jornalísticos, ao lado de suas experiências das andanças pelo Brasil e cidades européias.

Na época desta entrevista trabalhava em vários projetos literários, entre eles, um livro sobre a sua experiência em Blumenau, "Jornalismo em Preto e Branco", descrevendo sobre a velha-guarda jornalística do tempo da linotipo até o computador, passando pelos agitados anos 50 e alguns governo de força tratou também da história dos

¹ AHJFS. Entrevista nº 25. Entrevistado Carlos de Freitas. Entrevistadora: Johanna Heuer. Data: 26/09/2000.

pioneiros imigrantes solitários que viviam nos vazios do antigo município de Blumenau como Peter Wagner, do Vorstad e os irmãos Hering, que criaram a Cia. Hering. Isso visto do ponto de vista humano, falando em tom de crônica das pessoas e deixando de lado os aspectos econômicos da colônia. Era apaixonado pela cidade e o rio Itajaí-Açu. Freitas que há 3 anos trabalhava na confecção de jornais de empresas, divulgação e produção gráfica, estava voltando à imprensa em 2001. "Estou muito moço para parar e viver nas costas do governo" — dizia e explicava: "jornalista que se preza tem compromisso com o mundo em que vive, com as pessoas e as coisas que acontecem. Precisa tomar parte, continuar trabalhando, pensando, brigando." Freitas era um jornalista de garra e personalidade sólida. Sua energia física dava inveja a muito marmanjo da imprensa. Nesta entrevista conta o que sentia e um pouco do que viveu. Faleceu em Blumenau no ano de 2008.

Johanna: Por que você veio para Blumenau?

Carlos: Segura aí. Cheguei a São Paulo quando cidade tinha 1.400.000 habitantes. Quando saí, sua população era de 13 milhões. Foi muito tempo de vida, já não era mais uma bela cidade. Com muito trabalho, mil oportunidades, gente certa, das cantinas com cantores e orquestra e namorados passeando na Vila Buarque (rua boêmia, de concentração de bares geniais e artistas circulando). Eu estava lá quando se deu o primeiro assalto com morte na rua. Foi uma tragédia. Saiu em manchete nos jornais. Fui assaltado por pivetes (garotos do crime) na rua Vicente de Carvalho, ao lado do Estádio de São Paulo, no centro da cidade, às 5 da tarde. Um dos bandidinhos meteu a mão no bolso da minha calça, por trás. Pensei que fosse brincadeira de um amigo e me voltei sorrindo. Então vi que o que eu trazia no

bolso estava jogado no chão, junto com algumas moedas, e ao lado da calçada estava parado um negão imenso, com os bíceps saltados, assustadores, que me olhava sorrindo com deboche, enquanto os garotos se mandavam. Ele era o segurança dos pivetes. Aquilo me pesou, me fez mal. No começo a gente absorve um assalto assim, depois vem a depressão. Um assalto deprime, um assalto com ameaça, mesmo velada, deixa a gente desorganizada mentalmente, sem segurança. Depois desse incidente comecei a procurar trabalho em outras boas cidades, longe de São Paulo. Foi assim que vim para Blumenau, onde tive a primeira proposta de emprego, depois daquilo. Teria ido para qualquer lugar nos confins de Mato Grosso, Rio Grande do Sul ou Minas. Todas as cidades são lindas, até o primeiro assalto à mão armada. Eu amava São Paulo, mas quero ver a cidade apenas na lembrança.

Johanna: Você é gaúcho. O que é ser gaúcho?

Carlos: Ora, o que é ser blumenauense? Diria que é um indivíduo cercado pelo meio e pelas circunstâncias que o cercam. Ser gaúcho é como ser blumenauense, que tem algumas características diferentes dos brasileiros. Vivi até os 16 anos no campo, em propriedades rurais na faixa da fronteira com o Uruguai e pelos arredores de vilas e cidades. Estudei em colégios dirigidos pela Igreja Metodista (Colégio União de Uruguaiana Instituto Educacional, de Passo Fundo) onde fui contemporâneo e colega de classe de Maurício e Jaime Sirotski. Adapto-me facilmente aos grandes centros do país. Sou um sujeito urbano. Veja com isso que também estou definindo algumas qualidades do gaúcho. Agora, se você encontra em São

Paulo ou na Europa uma cara natural do Rio Grande do Sul, mesmo que seja educado, cordial, que fale manso e correto, se aprecate que ele pode ser um gaúcho do interior. Não se iluda com polidez rompante. Com o tempo você vai notar que há vastidões de campos, léguas e léguas de estrada, vento gelado, berro de vaca e assovio de guri para espantar o medo em noites escuras, tudo isso dentro de seu coração. É o que chamamos de fidelidade às origens, o que não deve impedir que ele seja um indivíduo culto, com mentalidade universitária.

Johanna: Como ingressou no jornalismo?

Carlos: A coisa vem de longe. Quando ainda tinha 10 anos, por aí, nem sabia o que era jornalismo, e já pensava em escrever coisas sensacionais e um dia publicar um livro que, como dizem os manezinhos da Lagoa da Conceição, "arrombasse".

Johanna: E o eixo Rio-São Paulo?

Carlos: Eu vivi em Porto Alegre até o começo de 1947. Minha praia era a publicidade, mas alguns amigos se entusiasmaram por São Paulo e foram com tudo para a "Paulicéia Desvairada" de Mário de Andrade, que naquele tempo não era tão desvairada como agora. Eles me escreviam contando maravilhas do Rio, até que peguei a minha trouxinha e me toquei para o Rio. Trabalhei inicialmente na Folha Carioca. Um dia, o diretor do jornal, o Carrazonni, de uma família de jornalistas e escritores de Porto Alegre, me chamou e disse: "Olha, Freitas, este jornal está por fechar. Não resistiu à crise criada pelo governo Dutra, que fechou o crédito bancário abruptamente e levou milhares de operários e trabalhadores ao desemprego. E a metade do

comércio do Rio foi à falência". Então eu fui de trem de Porto Alegre para São Paulo. De trem pela serra, passei por Passo Fundo, Marcelino Ramos e entramos em Santa Catarina. Viajava com passagem de segunda classe. A viagem durou 4 dias e 3 noites, sem espichar as pernas fora do vagão. Permaneci 20 dias em São Paulo e me toquei para o Rio. Fiquei um ano e meio na cidade que ainda era a Capital do País. Depois fui trabalhar em São Paulo, onde engrenei na reportagem, levado pelo escritor Mário Donato, que gostou da minha batida de remo. Nas folhas viajei por quase todo o Brasil, fazendo reportagem. Naquele tempo, os grandes jornais selecionavam um repórter pra fazer grandes coberturas no Brasil e adjacências. Foi assim que viajei por todo o Brasil em companhia, primeiro do fotógrafo Gil Possarelli, e depois, do Audralio Dantas. Depois da Folha, onde fiquei quase 10 anos, veio o Diário da Noite, Diário de São Paulo (Associados, de Assis Chateaubriand, com quem viajei uma vez pelo interior do Estado de São Paulo, acompanhando o presidente Café Filho). Depois veio a Revista O Cruzeiro, que estourava no Brasil, Revista Dirigente Industrial, Gazeta de Santo Amaro, Tribuna de Santos, e Augusta's, primeiro tablóide que eu fundei. Em Santa Catarina passei pela Nação, em Blumenau, e A Notícia em Joinville. Fundei a Tribuna de Brusque, para o PMDB. Fui redator de O Estado, A Gazeta de Florianópolis, Jornal de Santa Catarina, onde fui editor de vários setores.

Johanna: E por que decidiu ficar?

Carlos: Cheguei aqui em 1972. Vim contratado por um mês pra fazer A Cidade de Blumenau, em off-set. Fui ficando e estou até hoje

porque acho Blumenau o melhor lugar pra se viver. Blumenau é minha metade da laranja, eu casei com a cidade.

Johanna: A poesia entrou pra valer na sua vida, na mesma época que o jornalismo?

Carlos: Eu trabalhava numa editora (Livros Irradiantes), atualizando verbetes para o Dicionário Lisa. Foi em 1968. Andava muito angustiado. Era um trabalho muito mecânico, rotineiro. Os poemas foram surgindo aos poucos. Eu tinha voltado de uma viagem ao Leste Europeu, onde participei de um congresso internacional de jornalistas. Acho que um de meus melhores poemas, é "Não te Inquietes", que quando saiu era declamado por jornalistas nos bares, principalmente quando morria um repórter: "Não te inquietes / se um dia eu não voltar/ dessas longas viagens. Quando um companheiro entregar/ meu caderno de notas, põe novamente na estante/ o livro que deixei sobre a mesa. No dia seguinte/ arruma a menina para a escola/ como se nada tivesse acontecido/ e diz aos garotos de nossa rua/ que fui para um lugar desconhecido/ fazer uma reportagem sensacional."

Johanna: Com tanta experiência e tanto pé na estrada, que recado você dá à juventude atual, e na sua opinião, por que os mais velhos com a sua tarimba, são geralmente deixados de lado, preferindo-se empregar pessoas mais jovens e inexperientes?

Carlos: Primeira resposta: Acho que nenhum repórter se consagra trabalhando cinco horas por dia. Os maiores que conheci trabalhavam o texto. Escreviam, reescreviam quanto era preciso. Saíam do jornal de madrugada pensando no título da matéria

92

em mãos. Pesquisavam. Formulavam perguntas mentalmente. Dialogavam com o entrevistado do dia seguinte. Você conhece alguém que faz isso hoje? Desculpe, mas é isso que eu tenho pra dizer a esses rapazes que "sabem tudo", que não lêem os jornais concorrentes, que falam mal dos adversários e colegas, sem conhecimento de causa, quando bate a frescura. No entanto, fazem alguns jornais abaixo da crítica. Segunda resposta: As empresas não contratam mais jornalistas mais velhos porque é mais barata a mão-de-obra que sai das escolas de jornalismo. Os novos trabalham por qualquer preço e até de graça. Isso começa com os estagiários. As grandes empresas levam dez acadêmicos e metem os caras na reportagem, pagando a metade do que custa um jornalista experiente. Depois de seis meses, dispensam oito e ficam com os dois melhores, ainda pelo preço baixo. As mulheres deram certo no jornalismo, e as mulheres sempre ganharam menos do que os homens, em todas as profissões.

Johanna : Para finalizar qual a sua impressão sobre Blumenau e sua gente?

O que o agrada e o que mais o desagrada?

Carlos: A primeira parte da resposta já foi dada sobre a minha "terrinha".

O que mais me agrada aqui é tudo o que prendeu os imigrantes europeus. Este rio, estes morros, estes vales. O que mais me desagrada, além dessa epidemia de bajuladores, é a epidemia de maus jornais, sem orientação profissional, sem linha e sem comportamento, com base no que está consagrado na imprensa, feito com a preocupação de fazer a mala (como se desse) e não de fazer jornalismo. O antijornalismo me magoa.



Correspondências de **IMIGRANTES**

CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

Blumenau, 17 de março de 1871 Carta nº 5

Meus muito amados pais e amados irmãos!

Foi uma pena que o Sr. Grevsmühl¹ não veio 24 horas antes à nossa casa, pois então, estimados pais, o querido quadro (liebes Bild) de vocês teria estado sobre nossa mesa de presentes de Natal ...(ilegível)... Vocês provavelmente podem imaginar o quanto deixaram- me feliz!

Eu sempre já quis ter pedido a Anna e a Hedwig², em relação aos quadros, pedi-los à tia Louise, e uni-los num quadro só - embora eu saiba como deve ter sido difícil para minha querida tia, separar-se dos mesmos e dá-los a mim! Sempre fui deixando de fazer o pedido, por certo por esquecimento! E agora eu tenho este tesouro, se bem que nem mais ousava poder contar com ele! Desde que tenho as imagens de vocês sempre diante dos olhos, sinto como se um de vocês sempre estivesse perto de mim! E quantas recordações de minha infância ressurgem através dessas imagens. Oh! Lembro-me muito bem daquele tempo em que minha querida tia me esperava aos pés da escada, ao lado do capacho para limpar os sapatos! Agora transmitam-lhe saudações minhas de todo o coração (grüsst sie herzlich von mir), escrevo pela próxima mala do correio para agradecer pessoalmente.

Agora posso falar de minha pequena família e posso começar com uma notícia muito alegre: no dia 26 de fevereiro, minha querida esposa, Bertha, deu à luz a um forte e muito querido rapazinho, que é o quarto! Ele

¹ Grevsmühl: comerciante de Blumenau. Seu filho Hermann Heinrich mais tarde casou com Auguste, irmã de Bertha.

² O quadro dos familiares de Emil: pode estar com um dos descendentes ou desapareceu. Numa das cartas anteriores ele pede a Anna que fale com tia Louise e transmita o recado de que ele muito deseja receber o quadro de presente.

promete ser esperto como os outros, e agora já dá a impressão de que quer sair andando (foi o Rudolf)³.

Oswald (tinha um ano e cinco meses) está em casa de sua avó e é um amor (liebenswürdig) de rapaz, hábil em escalar o que vier pela frente, rápido em correr, sempre pronto a dar um beijinho; no entanto, é preguiçoso para falar, sendo que Mama e Papa são ainda as únicas palavras que consegue pronunciar de forma entendível, de resto tem uma aparência ótima e sempre disposto para uma travessura. Ontem fui visitá-lo, já de longe correu ao meu encontro, tive que sentá-lo sobre o meu cavalo, só que ele não queria mais descer. Ele gosta muito de animais e sua maior alegria é de ficar sozinho no pasto, correndo atrás dos bezerros e dos carneiros. August já é mais sossegado, mas de longe não é tão crescido como Oswald, em compensação fala com clareza e faz uma boquinha quando fala, que a gente tem vontade de beijá-lo sempre! Ele esteve em pé de guerra com Oswald - quando este, há pouco tempo, veio de visita - , e resolveu pedir que "este moleque incômodo não apareça mais".

Mathilde⁴ agora já ajuda nos serviços de casa e parece muito compenetrada enquanto se sente observada, mas depois volta a ser a menina peralta. Edmund acaba de pedir uma folha de papel de carta, na lousa ele já escreve mais ou menos legível, mas agora ele quer fazer a primeira tentativa com caneta, pena e tinta. Ele tem muita vontade de aprender, infelizmente falta-lhe a oportunidade. Eugen (o sobrinho, lá na Alemanha), certamente já lê e escreve fluentemente, ao contrário de Edmund, que não pode ir à escola com regularidade, pois quando começam os dias de chuva, o longo caminho fica intransitável para ele.

Bertha se recuperou muito rapidamente e está em plena ação. Ela manda cordiais saudações (herzliche Grüsse)!

Ultimamente extraviaram-se muitas cartas aqui no correio

³ Rudolph: irmão de Emil, militar.

⁴ Edmund, Mathilde, August e Oswald: filhos de Emil e Bertha.

nacional, pois minhas últimas cartas a vocês foram datadas de dezembro, de janeiro aos Briegleb, em fevereiro escrevi ...(ilegível)... As mais recentes cartas de vocês são de outubro. Aqui no Brasil a desordem e o descumprimento das leis devem ter alcançado seu ponto culminante e ...(ilegível)... Bismark ...(ilegível)... Vocês nem imaginam o quanto esta guerra deixou nervosos e como ainda nos preocupa. A notícia da capitulação de Paris foi aqui recebida com grande júbilo, infelizmente não pude participar das grandes festividades, pois estava enfiado no mato. Apesar da pobreza da Colônia Blumenau, as coletas em prol dos feridos alcançou a soma de 12 Taler por pessoa (pro Kopf); não tivesse esta Colônia em seus inícios sido tão tristemente abandonada, até reprimida pelo governo (com as outras colônias acontece quase o mesmo), a coleta teria alcançado bem outro resultado. Aqui no exterior vê-se o como o alemão é amalgamado com sua pátria, o quanto ele ama a terra onde nasceu ...(ilegível)...

Espero que vocês queridos estejam todos bem, eu muitas vezes me preocupei muito com o Rudolph. Com a ajuda de Deus ele deve ter superado bem todos os perigos e deverá gozar em sossego e na paz os resultados das peripécias vividas (como oficial do exército, por certo deve ter estado no "front").

Vocês agora têm oportunidade de escrever cartas bem longas, pelo menos peço a Hedwig e Anna⁵ que escrevam minuciosos relatórios sobre os diversos assuntos que os jornais não relatam, imagino que um e outro de nossos conhecidos jazem em solo francês! E vocês escrevem tão pouco sobre nossos parentes! Como vão os Schauer? e os Meyners? Como vai tio Wilhelm?⁶ e a tia? Vocês bem que poderiam escrever cartas assimlongas, pelo menos Anna e Hedwig poderiam dedicar todo o dia uns minutinhos a mim. Dêem cordiais lembranças a todos! Edmund acaba de

⁵ Anna e Hedwig: irmãs de Emil.

⁶ Onkel Wilhelm: tio de Emil, irmão de August.

me trazer sua "carta"! Ele está orgulhoso de sua primeira tentativa, aliás, na lousa ele escreve bem melhor. Bertha e eu enviamos-lhes nossas saudações de coração (hergliche Grüsse).

Com muito amor Seu Emil

Eu não fiz uma comunicação especial do nascimento de nosso quarto rapaz aos Briglebs⁷, nem aos nossos outros parentes, peço a Hedwig que resolva isto por mim.

Em.

Blumenau, 02 de janeiro de 1877 Carta nº 6

Meus queridos!8

⁷ Os Brieglebs: família de Eugen e Marie Luise, esta irmã de Emil. O primogênito também se chamava Eugen.

⁸ Comentários: Meus queridos: os familiares de Emil. Marie e Anna: irmãs dele. Os Briegleb: casal Eugen e Marie Luise, e família. Adelheid: Cunhada de Emil, casada com Rudolph. Edmund e August: os mais velhos dos filhos homens de Emil. Anklam: cidade em que moravam os pais de Emil e onde ele passou sua e adolescência (o pai, August, faleceu pouco tempo depois desta carta, em 30.06.1877). O menor que ainda não tem nome: nasceu em 23.09.76 e faleceu pouco depois. O ensino escolar: deduzimos que o ensino escolar em Blumenau ainda era incipiente e deixava muito a desejar. Um grupo de pais mandara buscar um professor da Alemanha, mas que lhes saía muito caro..... e não resolvia o problema do aprendizado da língua nacional. Várias vezes Emil escreve que tinha que levar seus filhos homens consigo nas viagens para que aprendessem a língua portuguesa; deixou-os algumas vezes em Guarapuava, Curitiba, Laguna, em casa de amigos e conhecidos que falavam português. Continuamente externava a preocupação a respeito. Academia Militar e Escola de Engenharia: Emil tinha às vezes a intenção de mandar os filhos para uma dessas instituições. Como ex-combatente da Guerra do Paraguai, recebera do Governo o convite para mandar os filhos para a Academia Militar. Mas nunca conseguiu decidir-se a isto. Numa carta, anos depois, repreende a esposa e pede para que ela não mais fale em fazer dos filhos

Ao voltar de Curitibanos, alguns dias antes do Natal, com grande alegria encontrei a carta da Anna, datada de 21 de outubro, a qual nos trouxe a boa notícia de que todos vocês vão bem! Pudemos desse modo enfrentar o Ano Novo sem preocupações e almejar de todo o coração que todos vocês tenham passado a entrada do ano com alegria e renovada coragem! Para nós os dias de Natal transcorreram bem ao estilo antigo: na minha sala de desenho um enorme pinheiro ricamente decorado iluminava a tépida noite enluarada na véspera do Natal, circundado por uma porção de crianças alegres e queridas, jubilosas e felizes! — Uma imagem linda (copiada fielmente?) de tempos há muito idos! — Queira esta hora permanecer ainda por muitos anos em todos nós como um momento precioso de recordação do passado!

Para grande pesar meu, tomo conhecimento através da carta da Anna, de que nossa correspondência está sendo grandemente prejudicada em consequência do desmazelo do serviço postal daqui. No ano decorrido recebemos pouquíssimas cartas, dos Brieglebs por exemplo nenhuma, quando parece que Marie escreveu diversas. Igualmente recebemos apenas uma da Adelheid⁹ em maio. Eu escrevi a vocês por último em outubro, pouco antes da minha partida para Curitibanos, anexando fotografias das crianças, etc., aos Briegleb escrevi em maio. O envio via direta me

funcionários públicos. Muitos anos após, no entanto, no começo do século XX, mandou o caçula dos rapazes, Adolf (nasceu em outubro de 1882), para a Escola de Engenharia do Rio de Janeiro, onde se formou, seguindo as passadas do pai: como geógrafo, cartógrafo e funcionário público (da Repartição dos Telégrafos). Sr. Fielitz: conterrâneo de Emil, pessoa da qual também existem referências nas cartas de 18.08.1878 e 20.03.1886; é de família amiga ou parente dos Odebrecht. No livro "Stammbuch des Anklamer Gymnasiums", editado em 1897, consta na pág. 96: Franz Fielitz, nascido em 22.09.1848, esteve nesta escola de "Michaelis" (29.09, dia de São Miguel) de 1856 até Natal de 1866; na guerra de 70/71 foi ferido na Batalha de Blois, na França; emigrou para o Brasil em 1876, em 77 foi para a Argentina onde foi capataz de estância; em 1882 foi nomeado secretário do consulado alemão em Montevidéu

parece ser o mais seguro, e não aquele por intermédio do Consulado Imperial Brasileiro de Hamburgo. Nos consulados provavelmente vegeta a desordem costumeira do país, e ali é bem possível, que pacotes inteiros de cartas sejam inicialmente esquecidos e posteriormente ignorados para sempre.

Sobre o nosso círculo familiar não há nada de novo a relatar. O Edmund e o August ainda sofrem um pouco em consequência dos feriados, problemas com o estômago, os outros estão muito bem. O menor que ainda não tem um nome definitivo, porque não entramos em consenso sobre esta questão, pois Bertha quer por tudo chamá-lo Emil, vai crescendo maravilhosamente e é muito desenvolvido para a sua idade, ri e dá gargalhadas quando alguém brinca com ele e fica calmo quando ninguém pode estar com ele.

O ensino escolar também parece querer entrar nos eixos agora. O professor, o qual mandamos vir da Alemanha, parece ser muito aplicado e desempenhar as suas funções com alegria e amor. As crianças passaram a gostar de ir à escola e fazem todos os seus deveres por conta própria, o que anteriormente nem sempre era o caso. No entanto este ensino nos sai caro, cerca de 100\$000 (90 marcos) por ano por criança, e futuramente talvez mais ainda, por isso tenho a esperança de fazer com que os meninos possam frequentar a Academia Militar ou a Escola de Engenharia no Rio de Janeiro a partir dos 14 anos.

Quanto ao Sr. Fielitz, deixei-o com um conhecido em Curitibanos, para dar-lhe a oportunidade de preparar-se para o seu exame sem ser molestado. Ele está muito bem, usufruindo do fantástico ar do campo, que também parece fazer- lhe especialmente bem. Lá não lhe falta nada, a não ser oportunidades de correspondência com os seus pais. Que estes não se preocupem, se não receberem cartas imediatamente. Provavelmente ele fará o seu exame em março, isto é, se conseguir dedicar-

100

se seriamente ao seu trabalho, dando ao mesmo maior importância do que ao seu comodismo. Depois disso não é de se prever com certeza nenhuma, se conseguirá logo uma ocupação, dada a grande oferta nesta carreira e a sua condição de estrangeiro.

O logro com a imigração italiana alcança dimensões cada vez maiores, e parece que a visada é a infeliz Colônia de Brusque, na qual são gastos 150:000\$000 (120.000 marcos) por mês para a manutenção dos imigrantes, embora qualquer pessoa de sã consciência reconheça, que esta semeadura dourada jamais poderá vingar, visto que as condições de solo das terras devolutas daquela colônia nunca o permitirão. Mas isto parece ser totalmente secundário aqui, já que os moradores são quase todos bons e fiéis cristãos católicos, e para estes as pedras seriam transformadas em pão. Aqui com Blumenau ocorre exatamente o contrário, economiza-se de modo inaceitavelmente mesquinho, naturalmente para poder gastar mais lá! O procedimento hostil em relação a esta colônia, composta quase que totalmente por protestantes, se reflete até mesmo no tratamento dispensado aos seus moradores, que são discriminados de todos os modos possíveis e imagináveis, por exemplo: com atrasos nos pagamentos de salários, etc., e não é necessário salientar, que sob estas condições reinantes no momento não se possa nem pensar em qualquer tipo de bonificação, como melhorias salariais ou semelhantes! Esperamos que, com o retorno do Imperador, a máquina volte a andar em seus trilhos, embora hão de se passar anos, até que se chegue novamente ao nível alcançado por Paranhos, o Bismark do Sul.

Lemos com o maior interesse as notícias dos nossos queridos parentes de Anklam, e pedimos a vocês, que sempre nos escrevam bastante sobre eles nas suas cartas! Anna ainda não nos é suficientemente minuciosa, por exemplo, no momento não sabemos como vão os Schauer. O tio parece estar morando em Grabow (?), mas onde estão Hugo, Max (?), etc., e como

vão? Minha querida velha tia deveria em breve vir morar de vez com vocês em Anklam, pois a vida solitária em Wieck não pode estar-lhe fazendo bem, enquanto em Anklam ela certamente contribuirá para a alegria de Mamãe. Por esta vez é só, saúdo-os!

Cordiais lembranças e votos de felicidade de todos a todos.

Com todo o amor

seu Emil

Uma remessa de besouros e borboletas está ... (ilegível).

Colônia Azambuja, 18 de agosto de 1878.

Carta nº 7

Minha muito amada Mãe e Irmãos!

Recebemos a carta da Anna de 18 de maio, e com ela a triste notícia do falecimento de nossa querida e boa tia! Tivesse ela atendido aos meus pedidos e tivesse vindo morar com vocês em Anklam. Tudo poderia ter transcorrido de outra forma. Porém ela está bem, e nós levamos belas lembranças à sepultura juntamente com a querida amiga da nossa juventude. Assim parte um após o outro dentre as nossas fileiras, é doloroso para todos, duplamente para aquele que à distância nem ao menos pode dar seu último adeus.

Acabam de chegar cartas da Bertha¹⁰, conforme vejo estão todos bem e sãos, tendo saído ilesos do rude tempo do inverno, que aqui sempre vem acompanhado de toda sorte de doenças infantis; apenas Helene encontra-se um pouco adoentada, provavelmente em consequência

¹⁰ Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht: Bertha - esposa de Emil. Anna, Marie, Rudolph - irmãos dele. Colônia de Azambuja - fundada no sul de Sta. Catarina, para a qual Emil fora transferido. Ele era funcionário do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Mais tarde foi nomeado diretor-adjunto dessa Colônia. Sr. Fielitz: Conterrâneo de Emil, ver carta de 2.01.1877. Tia Emma - não sabemos informar.

dos vermes. Clärchen é bem gorda e forte, a menor porém é magra, mas saudável e muito simpática. Os meninos estão na puberdade, vivem em "dolce jubilo" conforme vocês podem deparar das suas cartas, que anexo a esta. São todos diferentes nas suas vocações e tendências, mas todos muito bons e me trazem muita alegria, de modo que antevejo com saudade o momento em que poderei estar novamente reunido com eles.

Recebi recentemente notícias de Buenos Aires, do Sr. Fielitz, parece estar muito bem, ele é administrador de uma estância, e pode tentar a sua sorte lá. Não há necessidade que eu lhe envie um recibo, pois toda a situação foi tratada em confiança, pois não possuo nem um único documento da mesma. Deem lembranças cordiais minhas à tia Emma e transmitam-lhe esta notícia. É óbvio que ainda não recebemos notícia de espécie alguma do Rudolph e da Adelheid. Anna não escreve uma só sílaba e da mesma forma Marie, e assim certamente uma se fia na outra. Tomara que estejam bem. Infelizmente eu só tenho uma foto pequena de Adelheid, na qual se pode ver também o Rudolph ao fundo, porém quase irreconhecível. Hedwig certamente vive somente para os seus estudos, pelo menos não dá sinal de si, o que leva a crer que está satisfeita com o estudo, e espero que muito em breve possa dedicar algumas linhas ao seu irmão.

Conforme já lhes escrevi em cartas anteriores, fui transferido para uma recém-fundada colônia no sul da Província de Santa Catarina, felizmente em caráter provisório, já que eu veria como impossível viver nesta selva com a minha família, onde falta até o imprescindível para a sua manutenção: escola, médico, comunicação, etc. Além disso investi uma quantidade por demais grande na minha propriedade, de modo que nem poderia me desfazer dela agora sem ter prejuízo significativo, tenho porém a certeza de ser transferido de volta ainda no decurso deste ano.

A situação do Brasil é no momento extremamente triste, a falência do Estado é eminente, e em função disso está havendo um grande

enxugamento no quadro de funcionários públicos, já tendo sido demitida quase a metade, e agora se passarão muitos anos sob estas circunstâncias vigentes extremamente desordenadas, até que a máquina emperrada volte a funcionar precariamente de novo.

Assim que eu voltar a Blumenau mandarei fotos de todos. Saúdo-os por hoje, minhas mais cordiais lembranças a todos, mas muito especialmente à minha querida e boa mãe. Com todo o amor

Emil

O carimbo de lacre de nosso pai, seu companheiro de tempos bons e ruins, é uma recordação dele muito querida para mim.

> Blumenau, 30 de setembro de 1880. Carta nº 8

Minha querida Mãe, queridos Irmãos.¹¹ Há quase l4 dias estou novamente em meu lar, feliz, sendo que,

¹¹ Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht Woldemar - um dos 15 filhos de Emil; dois faleceram pequenos (uma menina e um menino). burocracia e politicagem - O teor do penúltimo parágrafo dá a entender que a companhia particular contratada pelo Departamento de Telégrafos era confiável, ao contrário do Ministério da Agricultura. Ele acabou trabalhando com satisfação cerca de 15 anos para a Repartição Geral dos Telégrafos - que embora subordinada ao Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, tinha autonomia financeira e administrativa - aposentando-se pela mesma. Mais tarde seu filho Edmund fez aprendizado na Oficina da dita Repartição - mas queria mesmo é ser construtor de máquinas; seu filho Adolf seguiu as pegadas do pai e foi engenheiro geodésico e cartógrafo desse mesmo departamento; seu filho Rudolf, comerciante de profissão, foi agente dos Telégrafos em Rio do Sul-SC; e seu genro Otto Hosang foi agente em Taió-SC. Governo - Na época estava começando uma fase bastante tumultuada da monarquia; esta fase de desordem política e administrativa do país perdurou até anos depois da Proclamação da República. Emil escreve: "as atitudes desavergonhadas do presentemente atuante partido...". Sempre novamente expressa nas cartas (parágrafos 3 e 4) sua decepção com o descaso do governo com o interior dos estados (estradas), com a má vontade para com a Colônia Blumenau, para com os estrangeiros, aliás, imigrantes que o próprio governo atraíra, e para com os brasileiros naturalizados que recebiam tratamento de estrangeiros.

Deus seja louvado, encontrei os meus com saúde e alegria, Bertha até mais robusta e mais saudável do que antes. Quase não reconheci as crianças, de tão crescidas, estão mais bonitas, vendendo saúde. Até o pequeno Woldemar, o qual, pelo que Bertha escrevia, eu o havia imaginado pequeno e problemático - ele de fato é o mais franzino de todos - mas levando em conta a sua idade, ele é amável, gentil e confiante, ainda mais atualmente quando teria todo o motivo de ter mau humor, já que seus dentes estão irrompendo só agora e todos ao mesmo tempo. Como vocês percebem, nós vamos bem, embora as tristes circunstâncias que ora parecem dominar em todos os países, também não nos deixam intocados.

Vocês com certeza já leram nos jornais que no norte do Brasil milhares morrem de fome porque a seca que já perdura há anos está matando toda a vegetação. Lá é a natureza a aniquiladora do que existe, aqui na Colônia são as atitudes desavergonhadas do atualmente atuante partido *Importa Partei* que está levando a Colônia - que começava a florescer - para o naufrágio. Pois para este partido o elemento estrangeiro é "uma pedra no sapato", persegue justamente o elemento humano que, de acordo com as exigências de nossa época, deverá transformar as quase infindáveis matas virgens em lavouras florescentes! Os imigrantes que agora procuram as colônias do sul do Brasil, sem disporem de meios para custearem a vida, ficam à mercê da maior miséria, pois os mesmos nem mais recebem terras sem ter que pagá-las imediatamente, mas tudo isto até ainda seria aceitável se o Governo se preocupasse em pôr à disposição apenas as mais necessárias vias de comunicação!

Como está triste a condição das estradas nas já há tanto tempo emancipadas colônias. Tive ocasião de vivenciá-la em minha viagem de Tubarão para o interior, por Teresópolis, São Pedro de Alcântara etc., que levou 12 dias, portanto o dobro de dias que se levaria para fazer o mesmo percurso na Alemanha. Para azar chovia todo o dia, sendo que os

cavalos nadavam na lama, quando não tinham que galgar altos morros. Logo depois da minha chegada de volta a Blumenau, desabou um novo e totalmente desconhecido desastre sobre a Colônia às margens do Itajaí e provavelmente também sobre as outras províncias - uma enchente como nunca se viu desde que aqui mora gente. Da praça do centro de nossa Cidade só se viam as pontas dos telhados das casas situadas mais no alto. Pelo que se sabe, quarenta pessoas se afogaram, 100 casas - em parte de alvenaria - foram levadas pelas águas. Lavouras estão destruídas, o rebanho reduzido quase à metade, sendo que o prejuízo só em Blumenau pode ser calculado em quase l milhão de mil réis! Nós nos saímos bastante bem! Embora eu tenha, baseado em experiências passadas, construído nossa casa em lugar alto, mesmo assim a água subiu até à soleira da porta! Sobre meu futuro emprego espero poder mandar-lhes auspiciosas notícias pela próxima carta, sendo que os serviços públicos foram paralisados e como de qualquer maneira os trabalhos para o nosso Ministério da Agricultura não mais me agradam, mesmo havendo novamente verbas para a continuidade das obras - não se tem a mínima garantia - já tomei providências no sentido de me garantir um cargo no Departamento de Telégrafos. Os funcionários são na maioria alemães e a administração está nas mãos de uma companhia particular contratada pelo Governo.

Recebemos as últimas cartas de Anna e de Hedwig e para nossa grande alegria ficamos sabendo que vocês estão bem e que nossa velha e querida Mãezinha está forte e animada e que ela pensa em nós com amor! E assim sendo desejo de todo o coração que estas linhas os encontrem juntos e com boa saúde, felizes e sem queixas! E nesta alegre esperança nós os saudamos carinhosamente, passem bem, me despeço por hoje.

Com muito amor,

Emil

Azambuja, 02 de julho de 1881. Carta nº 9

Minha muito amada Mãe!12

Ontem foi teu aniversário! Mandei-te por sobre os mares os meus mais profundos votos de felicidade e junto a eles o desejo de que tu, minha velha e querida Mãe, permaneças ainda por muitos e longos anos tão disposta e alegre no nosso convívio, para que também a mim ainda seja dada nesta vida a alegria de poder apertar-te contra o meu coração! Não tenho escrito há relativamente muito tempo, porque me faltou oportunidade, andei sempre trabalhando em regiões distantes, porém Bertha relatou-lhes

¹² Comentários dos tradutores: Rolf e Renate Odebrech: Mãe: Bertha Odebrecht nata L'Oeillot de Mars. O pai, August, havia falecido em junho de 1877. Emil escreve várias vezes do grande desejo que tem de mais uma vez poder abraçar sua Mutting. Já faziam 20 anos que não via a mãe. Não conseguiu realizar este desejo. Só em 1904, depois de 43 anos de Brasil, é que reviu sua terra natal e os irmãos que ainda viviam: Anna e Rudolph. Bertha: esposa de Emil. Edmund, Auguste (Gustchen) e Woldemar: alguns dos filhos dele. Marie e Anna: irmãs de Emil. Eugen: marido de Marie (Marie Luise). nascimento menino forte e saudável: foi Edgar. Bertha não lhe escreveu que o menino havia nascido com lábio leporino. Ela evitava preocupá-lo, já que lá de longe ele não poderia ajudá-los; ela sabia que ele já tinha preocupações suficientes. As circunstâncias exigiam que ela dominasse suas emoções. Cedo ela teve que aprender a exercitar-se neste duro mister, como escreve numa carta à cunhada Anna. saúde de Emil: ele, por sua vez, não quer que sua velha mãe se preocupe e esquece suas dores de estômago, escrevendo a ela com bom-humor e otimismo. Hoje diríamos: "ele sempre jogava a peteca pra cima" (desde a Guerra do Paraguai - contraíra malária - queixavase vez por outra de distúrbios gástricos). Azambuja: Colônia de Azambuja, no sul de Santa Catarina. Emil foi diretor-adjunto e dividiu grande parte da Colônia em lotes coloniais, demarcou estradas e picadões, calculou longitude e latitude, etc. Executou trabalhos não só na Colônia, mas em todo o sul da Província, inclusive no Rio Mampituba, atual divisa com o Rio Grande do Sul. Na carta de Emil consta: "... no longínquo e selvagem oeste". Na transcrição do gótico, seu neto Emílio (3º) fez um ponto de interrogação - visto que Azambuja fica no sul. Dívidas - construções dispendiosas: Refere-se por certo à grande sala que anexara à casa (com pé direito de 2,90 metros). dotada de portas lindamente trabalhadas, mais quatro quartos no piso superior (sendo um espaçoso e três minúsculos) e à copa-cozinha muito grande, mas não grande demais para uma família com 13 filhos - mais as visitas e depois os netos ...

as nossas vivências, das quais nem todas foram as mais agradáveis. Poucos meses após a minha partida de Blumenau a varíola foi introduzida no país, trazida por navios aportados no Rio, em consequência da imperdoável displicência das instituições públicas. Também em Blumenau e, mais especificamente na nossa vizinhança a doença se alastrou rapidamente, já que o médico radicado em Blumenau, na sua santa ignorância nem reconheceu a doença, mandando fechar as escolas somente quando ela já estava disseminada. Agradecemos a Deus, termos conseguido escapar da melhor forma possível. Só Bertha, *Gustehen* e o pequeno Woldemar tiveram uma leve manifestação, de poucos dias de duração e sem sequelas, os outros não tiveram nada. Pouco tempo depois, no dia 15 de junho conforme me escreveram, Bertha deu à luz um menino forte e saudável. Tudo correu bem. Bertha recuperou-se rapidamente e sente-se bem, e a mim não falta mais nada do que a alegria de poder aconchegar bastante o molequinho!

As cartas de vocês têm chegado regularmente, eu as recebo normalmente pelo correio de Blumenau. As últimas foram as de Marie e do Eugen, de 7 de fevereiro, e a da Anna de 4 de abril. Parece que o mesmo não tem acontecido com as nossas cartas, como pude depreender das linhas do Eugen, o qual não recebeu uma minha, na qual escrevi sobre este assunto. Eu vou indo razoavelmente, eu diria "muito bem", se não estivesse distante da Mama. Meus trabalhos, principalmente nos últimos tempos, tem sido no mais longínquo e selvagem oeste (oeste?), a remuneração satisfatória, de modo que ainda no decorrer deste ano poderei pagar algumas dívidas que contraí por construções dispendiosas. Ainda devo continuar no meu emprego no Ministério da Agricultura. Em breve será instalada uma linha telegráfica junto ao Itajaí e então eu serei o inspetor da mesma, com todo o direito que me confere o meu tempo de experiência, de modo que então me faltarão somente poucos anos para poder dar entrada com o pedido de aposentadoria, com a maior parte do

108

meu salário, se eu quiser, porém nem cogito nisto ainda. Ainda me sinto tão vigoroso e bem, como nos meus melhores anos, eu sou provavelmente o único de todos os funcionários do Brasil, que em 20 anos de serviços não esteve doente. O Edmund está-se preparando para uma carreira nos serviços telegráficos, encontrando-se no momento em Laguna com um amigo meu, o inspetor telegráfico Berndt, para travar conhecimento com este serviço muito simples, tendo ao mesmo tempo a oportunidade de aprender português, já que a mulher e os três filhos do Sr. Berndt não falam uma só palavra de alemão.

O padre católico de Blumenau abriu uma escola, e conforme me escreveram é muito boa. Meus meninos estão frequentando a mesma desde a Páscoa com grandes progressos, conforme posso ver em suas cartas. E por hora, querida Mamãe, tudo de bom, dá lembranças cordiais a todos.

> Com todo o meu amor, teu Emil.

Morretes, 24 de março de 1882. Carta nº10

Minha querida Mãe! Queridos irmãos!¹³

Vocês devem ter recebido a minha última carta de Blumenau, espero que ela tenha encontrado a todos bem e com saúde, de modo que assim todas as esperanças positivas, com as quais entramos no Ano Novo, estariam concretizadas. O estado de saúde de Hedwig nos preocupa bastante,

¹³ Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrechr: Hedwig: irmã de Emil. Edmund, Mathilde, Helene, August, Oswald e Rudolf: alguns dos filhos de Emil e Bertha. Odebrecht e esposa tinham grande preocupação com o ensino e a formação dos filhos. Eles previram que seus filhos teriam que lutar para conseguir um lugar ao sol. Tanto os filhos como as filhas tiveram que trabalhar muito e alguns chegaram a passar por períodos de grandes dificuldades. Nenhum deles teve vida fácil.

ela que se cuide muito bem, não fique muito tempo sentada no quarto e trate de se distrair para que tudo melhore! Conforme já lhes escrevi, tive de deixar os meus em meados de janeiro para terminar os levantamentos geográficos dos terrenos entre Dona Francisca e Morretes. Nesta época o tempo andou muito desfavorável, o calor quase insuportável, de maneira que há apenas poucos dias terminei os trabalhos. Por enquanto ainda ficarei algumas semanas aqui em Morretes, antes que se iniciem os trabalhos de exploração nas Missões, sobre os quais eu já havia escrito antes. Se eu não estivesse longe dos meus por tanto tempo, estaria totalmente satisfeito com meu emprego, principalmente por que em julho entrará em vigor um novo regulamento, pelo qual meu salário atual deverá praticamente dobrar. Contudo, é provável que eu renuncie a isto, considerando que há expectativas de uma ligação ferroviária entre Blumenau, Joinville e o maravilhoso porto marítimo de São Francisco, onde terei a oportunidade de encontrar trabalho de longo prazo, já que o dito projeto deve entre outros a mim a sua existência.

Desde a minha partida, infelizmente, recebi só uma carta de Blumenau, pois os serviços postais aqui são péssimos. Provavelmente as minhas cartas foram enviadas a Curitiba, de qualquer modo é sempre uma surpresa muito agradável uma carta chegar no tempo previsto.

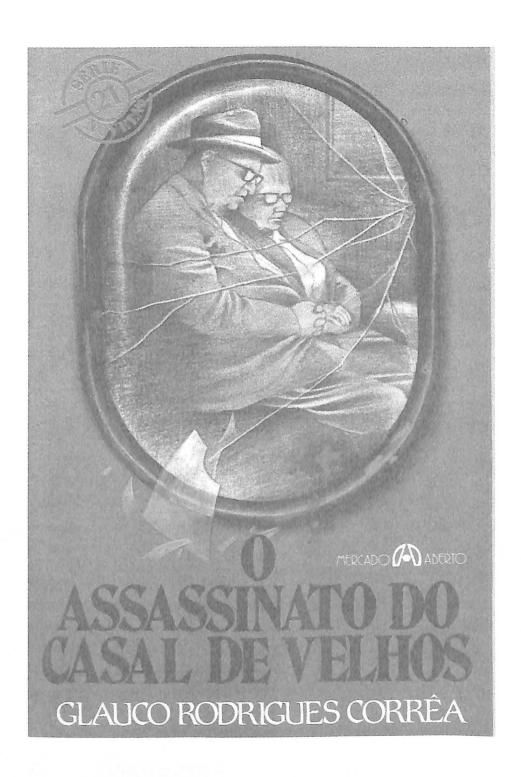
Por enquanto, o Edmund ainda fica em casa, para instruir-se por meio de aulas particulares. Até aqui as exigências estão aumentando, de modo que ele tem muito a aprender para ter condições de ganhar o seu pão de cada dia. Aliás, é muito complicado ajudar os filhos a se prepararem para uma carreira profissional aqui, seja qual for a profissão. Não é todo mundo que dá para comerciante, a agricultura ainda se encontra num nível muito rudimentar e não há oportunidade para uma formação escolar. Mathilde deverá ir para uma pensão em Joinville já a partir de maio, para instruir-se em trabalhos manuais, piano, etc. Helene deverá ir para lá ainda este ano.

110

Infelizmente, Blumenau não oferece possibilidade para tal. Há muito tempo venho querendo mandar as crianças estudar em Joinville, onde existem escolas excelentes. Acontece que Bertha não conseguia se decidir, além disso esta decisão nos sobrecarregaria financeiramente, e Bertha já assim vive reclamando dos custos crescentes do nosso orçamento doméstico. August, Oswald e Rudolf estão frequentando uma escola fundada por padres católicos novos, que não parece ser ruim. Recentemente foram contratados diversos professores, além do que há uma subvenção do governo, de modo que o preço é muito barato para as condições daqui ...

Fora isso, no momento as coisas estão tristes em Blumenau. Os serviços públicos estão parados, os funcionários públicos demitidos, também o Senhor Dr. Blumenau. Porém a Colônia está em condições de viver por si só, de emancipar-se, mesmo sem empossarem qualquer autoridade civil. Provavelmente tudo isto advém da má vontade do partido político ora dominante, ao que parece, o mesmo está prestes a cair e então uma companhia de colonização vai continuar a obra começada com maior sucesso. Então, minha querida Mãezinha! Tudo de bom por hoje. Assim que tiver notícias de Blumenau, escreverei mais detalhadamente. Até lá. Com profundo amor,

Teu Emil.



AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio¹

I - LIVRO PIONEIRO RESGATA DOCUMENTOS

O diligente historiador Jali Meirinho, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e autor de vasta obra no campo da História, acaba de publicar um livro pioneiro denominado "1893/1894 – História e Historiografia da Revolução em Santa Catarina" (Coedição do IHGSC e Editora Insular – Florianópolis – 2009). Nele o autor reconstitui em minúcias o período conturbado da Revolução Federalista no sul do país e, em especial em nosso Estado, quando Desterro foi proclamada a capital da efêmera República dos Estados Unidos do Brasil. Relata as pressões que conduziram à renúncia de Lauro Muller ao governo e a nomeação do tenente Manoel Joaquim Machado que "desastrosamente envolve-se com os federalistas e remanescentes monarquistas, gerando total desorganização no governo estadual" (p. 20). É curioso notar que fosse enviado um interventor militar de patente inferior para gerir o Estado em momento de tal insegurança e confusão. Com a retomada da Ilha, Machado fugiu para o interior de São José e depois conseguiu embarcar num navio para o exílio na Argentina. Fecho deveras melancólico de um governo exercido por quem desconhecia o complexo panorama político vigente no Estado.

Ponto dos mais interessantes do livro é a ação do republicano

¹ Escrito e Advogado.

Hercílio Luz, então Inspetor de Terras em Blumenau. Inconformado com a deposição de Lauro Muller, "conclamou seus correligionários de todo o Estado a participar de uma luta armada contra os federalistas" (p. 28). A Câmara Municipal proclamou Hercílio Luz governador e Blumenau foi declarada a capital provisória do Estado. Constituída uma Guarda Cívica, com o apoio do 25°. Batalhão, os hercilistas avançaram sobre o Desterro, enfrentaram os soldados da Força Estadual e tomaram de assalto o Palácio, o Tesouro e a Câmara Municipal. Conclui-se, pois, que Blumenau foi por algum tempo a capital do Estado e o Desterro, por sua vez, a capital da República. Até que as coisas serenaram e tudo retornou aos seus lugares.

Muitos outros aspectos haveria a ressaltar, mas é preciso acentuar o pioneirismo do livro no que diz respeito à documentação. Com efeito, só em 2008, na reordenação da biblioteca do IHGSC, encontrou o autor os manuscritos que são publicados pela primeira vez no livro, transcritos em ortografia atualizada. Também são dados a público cerca de 40 panfletos, volantes ou boletins distribuídos naquele período "para manter a população informada ou sensibilizada em favor de certos movimentos" (p. 97). Neles há comunicações, contestações, desafios, anúncio da rebelião hercilista, notícia de sua posse como governador, proclamações partidárias, resoluções, decreto de estado de sítio, comunicando a deflagração da revolta da Armada, atos oficiais, comunicados de posses, convocação para a Guarda Nacional e outros mais, alguns em português e alemão, tantos e tantos que deixam a impressão de que a revolução se feria mais com panfletos que pelas armas. Fecha o volume uma bibliografia completa e minuciosa sobre o amplo tema abordado.

Com este livro, Jali Meirinho presta significativa colaboração ao resgate de um período histórico conturbado mas importante para a consolidação da então jovem República Brasileira.

II - LITERATURA POLICIAL NO ESTADO

Em minha biblioteca de Piçarras costumo encontrar coisas diferentes e das quais não me lembrava. Na última estada por lá, remexendo nos livros, deparei com "O Assassinato do Casal de Velhos", de autoria de Glauco Rodrigues Corrêa (Editora Mercado Aberto – P. Alegre – 1985). Trata-se de um romance policial que fez sucesso na época de seu lançamento, merecendo destaque na crítica, integrando uma coleção de obras de que faziam parte nomes como Moacyr Scliar, Manoel Lobato, Ricardo Ramos e outros autores de renome nas letras nacionais. O autor, hoje falecido, foi um dos iniciadores do gênero policial aqui no Estado e sua novela anterior, "O Mistério do Fiscal dos Canos", havia recebido ótima acolhida e sobre a qual o conhecido crítico Torrieri Guimarães escreveu: "Um texto leve, inteligente, gostoso de ler, este de Glauco Rodrigues Corrêa, que sabe explorar com muita sagacidade as diferenças entre o policial civil e o militar."

Os romances do autor começavam por instigar o leitor desde o título, contendo sempre um toque de mistério que só a leitura integral iria esclarecer. Ele dominava bem a linguagem típica do meio policial e da malandragem, permitindo-lhe movimentar-se com a segurança do conhecedor sem que parecesse coisa fabricada em gabinete como acontece em muitas obras do gênero. Havia também um leve toque de humor, como no título da novela acima referida, uma vez que fiscal dos canos, pelo que me consta, é função inexistente. Nesta outra, o assassinato do casal de velhos, lançado assim sem maior explicação, também sugere um mistério que à primeira vista ninguém sabe explicar.

E, de fato, o casal é assassinado de maneira estranha sem que ninguém percebesse e sem deixar vestígios. O local onde tudo aconteceu

não poderia ser mais inadequado e, no entanto, o crime foi perpetrado com aparente sucesso. "Você imagina que nenhum dos vizinhos ouviu tiros durante a noite? - indaga, perplexo, um personagem. - Está certo que havia o barulho da chuvarada e dos trovões, mas então eles não são capazes de distinguir um trovão de um tiro? Isso não tem cabimento. Ou essa gente dorme demais ou sei lá o que fazem de noite para ficarem surdos." Mas o fato é que, com cabimento ou sem cabimento, o duplo homicídio aconteceu, consternando a pacata cidade de Santo Anastácio do Roçado, aliás a designação perfeita para uma das tantas bibocas arredias de civilização existentes em nosso país. É nesse momento que entram em cena o delegado Nonato e o cabo Turíbeo, personagens já conhecidos da novela anterior, para esclarecer os insólitos acontecimentos, valendo-se do decantado faro policial e às vezes mais adivinhando que descobrindo, tal como fazem grandes investigadores da literatura universal, a exemplo de Maigret e Sherlock. Tudo, então, entra nos devidos eixos, as peças se encaixam e o leitor, aliviado, pode respirar fundo. E mais não digo porque seria estragar o prazer dos eventuais leitores.

Mas a literatura policial aqui no Estado não parou por aí. Em 2000, sob os auspícios da Editora Garapuvu, foi lançada a coletânea "Círculo de Mistérios", reunindo contos policialescos de diversos autores catarinenses, entre os quais o meu "Onde está o João da Banha?" Como em geral acontece com muitos livros lançados, caiu no vazio e teve escassa repercussão. Salvo injustiça de minha parte, creio que fui o único a comentá-lo nesta coluna, afora algumas notas dos jornais, mais voltadas para o evento do lançamento que do conteúdo do livro. Uma pena, porque nele estão excelentes narrativas de um gênero pouco versado por aqui.



GALERIA DE IMAGENS

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

GALERIA DE IMAGENS

Registramos em "Galeria de Imagens", alguns acontecimentos sociais ocorridos no Centro Cultural 25 de Julho, de Blumenau. A entidade foi criada em 1° de maio de 1954, com a finalidade de preservar as tradições culturais herdadas dos colonizadores.

O Centro Cultural 25 de Julho de Blumenau adotou esta denominação como forma de relembrar e homenagear a data da chegada dos primeiros imigrantes alemães no sul do Brasil. No seu corpo de associados muitos são descendentes dos imigrantes que chegaram ao Vale do Itajaí no século XIX.

Entre as várias atividades que procuram reavivar o legado cultural deixado pelos colonizadores, destacam-se o Coral Misto 25 de Julho, Coral Masculino "Liederkranz", Blumenauer Volkstanzgruppe (grupo de danças folclóricas), Grupo de Danças Sênior e Grupo de Harmônicas Blumenau.

O Centro Cultural 25 de Julho de Blumenau oferece também aos seus associados, modalidades esportivas como o bolão, tênis de mesa, badmington (ensino) o carteado (skat e doppelkopf) e o prell ball.



Festa 1º de maio no CC 25 de Julho. Orador Dep. Aldo Pereira de Andrade. Hans Terhardt, Manfred Schuld, Eugen Seelbach (de costas, maestro).



1º de maio de 1970. Carro da casa de móveis da Fábrica Rossmark (veículo da casa de móveis Rossmark).



Desfile "Encontro de Corais" regional no C. Centro 25 de Julho, no ano 1965, aproximadamente. Maestro Eugen Seelbach, Emil Rossmark, Gerhard Schulz, Horst Holetz, Werner Frischknecht.



Desfile "Encontro de Corais" no C.C. 25 de Julho, no ano de 1965, aproximadamente. Walkina Roedel, Adam Cremer (Maestro), Werner Jensen (irmão de Curt Jensen).



Festa 1º de maio de 1970 no 25 de Julho.



Coral masculino cantando na Praça Hercílio Luz, em frente ao monumento dos imigrantes. Homenageando dia 25 de Julho, dia dos imigrantes.



Concerto de encerramento das atividades de final de ano. Coral misto 25 de Julho, grupo instrumental. Regente: Manfredo Bubeck. Datado de 12/12/1981. Acervo AHJFS.



Homenagem aos imigrantes no dia 25 de Julho de 1976, pelo Clube 25 de Julho.



Apresentação do teatro alemão. Acervo AHJFS.



Antiga Sede do Centro Cultural 25 de Julho, década de 60. Acervo AHJFS.



Atual sede do Centro Cultural 25 de Julho invadida pelas águas da enchente de 1983. Acervo AHJFS.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma Revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de materiais da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

O periódico, registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

É formada por um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias devem estar preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); As notas de conteúdo devem constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto; Os artigos devem ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando preferencialmente resumo de até 10 linhas em português e 3 palavraschave em português.

Autores Catarinenses

Comentários e críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizerem e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Publicação de documentos oficiais que sejam de interesse à História regional.

Crônicas do cotidiano

Contempla autores que narram sob a forma de crônicas e aspectos das vivências regionais.

126

Documentos Originais

Seção bilíngüe, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para português.

Entrevistas

Trata-se de depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcblu.com.br digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas além de vir no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. O Conselho Editorial se reserva ao direito de publicar ou não os textos encaminhados a sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da Revista, referente ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores;

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo	informamos	nossos	preços:
--------	------------	--------	---------

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Exemplares avulsos: R\$ 12,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação R\$ 100,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo). De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2009 (Tomo 50).			
Anexo a este cupom, a quantia de R\$ (
comorme opçoes de pagamento abaixo.			
Formas de pagamento:			
() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos			
() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 5203-5. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.			
() Cheque - Banco: Número do Cheque:			
Dados do Assinante:			
Nome:			
Endereço:			
Bairro: Cx. Postal:			
CEP: Fone para contato:			
Cidade:Estado:			

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874 Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense





Arquivo Histórico José Ferreira da Silva arquivohistorico@fcblu.com.br

Dr. Blumenau

Museu da Família Colonial museudafamiliacolonial@fcblu.co

Centro Cultural da Vila Itoupava

Escola Nº 1

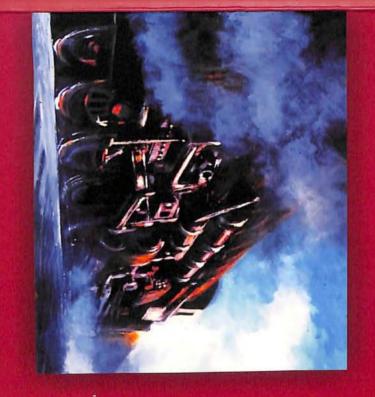
Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller biblioteca@fcblu.com.b

Museu de Arte de Blumenau mab@fcblu.com.br

Municipal de Arte

Centro de Publicação Documentação e Referência em Leitura editora@fcblu.com.br

> civilização sobre a selva que os primeiros colonizadores moderna se intensifica, um modo de atestar a vitória da necessidade da construção de uma representação de cidade (...) com a transição do século XIX para o século XX a encontraram. Sobretudo, há o desejo de fazer Blumenau figurar progresso, conferindo-lhe este status de modernidade (...) imagens da cidade deem visibilidade à representação do entre as grandes cidades brasileiras, fazendo, assim, com que as



Extraído do texto "A REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO PROGRESSO", de Carla Fernanda da Silva. Página 21